



Número 249
Setembro 2022

ARAUTOS DO EVANGELHO

*Dois mundos unidos
por um mesmo fim*



Ao proclamarmos a nossa Fé recitando o Creio em Deus Pai, declaramos crer que Ele é o Criador de “todas as coisas, visíveis e invisíveis”. Ora, quem são essas criaturas “invisíveis”? O que podemos saber sobre elas?

O **mundo angélico** está formado por um número incontável de seres perfeitíssimos, puramente espirituais e cumulados de dons inimagináveis por nós, mas sobre os quais não conhecemos quase nada.

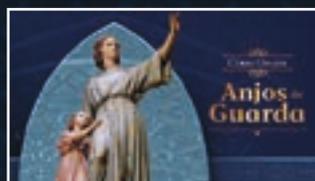
Criados por Deus para sua glória, **os Anjos** trabalham por ela lutando pelos homens, com os homens, nos homens. Nesse sentido, **conhecer a natureza angélica lhe ajudará a contar sempre com estes padroeiros celestes**, que a cada instante nos cobrem com sua proteção.

Conheça agora os cursos on-line sobre os Anjos da plataforma de formação dos Arautos do Evangelho:



Os Anjos: modelos celestes e protetores constantes

9 aulas com o
Pe. Louis Goyard, EP



Os Anjos da Guarda

7 aulas com o
Pe. João Carlos Fidelis de Moura, EP



São Miguel, Príncipe dos Exércitos do Senhor

7 aulas com o
Pe. Felipe García López Ria, EP



Estamos em guerra!

9 aulas com o
Pe. Rodrigo Fugiyama Nunes, EP



Acesse já e inscreva-se!

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:

(11) 2971-9050

(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): R\$ 204,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):

Colaborador..... R\$ 40,00 mensais

Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais

Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso R\$ 17,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.



Este produto é impresso na PLURAL - uma empresa comprometida com o meio ambiente e com a sociedade, oferece produtos com o selo FSC, garantia de manejo florestal responsável.



Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4

O segredo da vitória angélica (Editorial) 5



A voz dos Papas –
Embaixadores de Deus,
modelos para os homens 6



Comentário ao Evangelho –
O “prælium magnum” da História 8



Os sete Arcanjos –
O estado-maior de Deus 14



São Miguel Arcanjo –
O protetor da Santa Igreja 18



São Gabriel Arcanjo –
O arquétipo dos devotos de Maria 22



São Rafael Arcanjo –
A benignidade divina personificada num Anjo 25



A inter-relação entre os três Arcanjos 28



Beata Maria de Jesus López de Rivas –
Coração de fogo, habituado ao heroísmo 32



Auxílio maternal nas necessidades 36



Arautos no mundo 40



Aconteceu na Igreja e no mundo 44



História para crianças... –
Benditas as estrelas que Te viram pequenina! 46



Os Santos de cada dia 48



Onde está Mateus? 50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo da revista diretamente de seu celular.

Acesse: revista.arautos.org



ESCREVEM OS LEITORES



"UMA MENSAGEM RECEBIDA COM AMOR E ADESÃO"

Dou graças a Deus, que Se manifesta e Se revela aos pequenos! Muito admiro a vida de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, que nos ensina a mensagem da Virgem de Fátima, como se lê no artigo *Uma mensagem recebida com amor e adesão*, da edição de maio. Quanto mal faz o pecado! E como devo instaurar essa ordem em mim, para poder irradiá-la aos demais, porque o Reino de Deus se inicia no coração; em meu coração! Vejo que a vida de Dr. Plínio é a continuação da voz daquelas santas crianças, para que tenhamos fé na pronta vinda deste Reino prometido. Eu o via como algo distante, mas após ler este artigo dou-me conta de que devo afastar-me do pecado, para que os Sagrados Corações reinem em mim.

Antonia Pérez Santana
Via revista.arautos.org

AGRADECIMENTO DE UMA DEVOTA DE DONA LUCILIA

Muito obrigada por me enviarem a revista *Arautos do Evangelho*. Depois de lê-la, divulgo-a, e ela tem sido muito aplaudida pelos vossos artigos. É uma forma de apostolado.

Sou muito devota de Dona Lucilia; tem-me concedido muitas graças. Como diz Mons. João Scognamiglio Clá Dias, "a sua vida primou pela benquerença, pela bondade, pelo afeto, pelo amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Muito e muito obrigada por me ajudarem a crescer na vida espiritual.

Ana Maria Pais Lopes
Porto – Portugal

GRAÇAS PARA NOS LIBERTARMOS DE PRINCÍPIOS TORTOS

Lendo o artigo *A sagrada escravidão de amor*, publicado em maio, vemos que Deus tem seus desígnios para cada tempo. Em uma época tão individualista, em que as pessoas são escravas inclusive da própria opinião, Nosso Senhor traz uma escravidão voluntária, para que nos libertemos desses princípios tortos e confiemos integralmente n'Ele. Estes são os nossos tempos... estas são as graças a nós reservadas!

Jessé Lacerda
Via revista.arautos.org

ARTIGOS USADOS NAS AULAS

Que fenomenal este artigo: *A promessa de Abraão nas mãos de uma mulher*. Sempre uso os textos publicados na Revista em minhas aulas. São riquíssimos de ensinamentos!

Cássia Ceole
Via revista.arautos.org

O MISTÉRIO QUE MUDOU A VIDA DE UMA RAINHA

Minha gratidão pelo magnífico artigo intitulado *Quando o herói venceu a frivolidade*, de Fábio Ricardo Soares, sobre a histórica figura de Maria Antonieta, pois ele nos faz ver como a dor e o mistério da cruz, na trajetória desta rainha, fizeram-na mudar sua vida, chegando a ser heroína e mártir. Sem todas as cruces que lhe sobrevieram, Maria Antonieta nunca teria vencido aquela frivolidade e tendência ao que é mundano, nem tampouco teria bebido – como diz sabiamente Dr. Plínio no primeiro discurso de sua vida – com admirável resignação cristã os tragos amargos do imenso cálice de fel com que a Divina Providência decidira glorificá-la.

Fé Colao García
Via revistacatolica.org

LEITURA QUE LEVA AO CÉU

A revista *Arautos do Evangelho* me encanta! Fico na expectativa de sua chegada, para "comê-la quentinha", porque me leva ao Céu. E eu a "como" toda! Ademais, empresto-a às minhas vizinhas, para que se deleitem lendo coisas boas.

Esther S. Cortez
Los Angeles – Estados Unidos

AJUDA DE DONA LUCILIA A TODOS QUE LHE PEDEM

Sou católico, devoto de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora da Conceição, há muitos anos. Estou doente e em tratamento médico há mais ou menos três anos, com uma melhora razoável. Mas estou sonhando sempre com a Senhora Lucilia e queria, por meio dela, uma ajuda junto a nosso Deus todo-poderoso, uma vez que vejo pela Revista, da qual sou assinante, como ela tem ajudado a todos que lhe pedem. Este meu pedido a ela, para me ajudar, me basta.

Etheovaldo Barbosa da Cruz
Belo Horizonte – MG

EXEMPLO DE ORAÇÃO E PENITÊNCIA

Depois de ler o artigo sobre a Beata Umbelina de Jully, *Amar é servir... sempre sorrindo!*, pensei: todos nós somos feitos de barro, a maior parte de barro de má qualidade! Para nos aperfeiçoarmos, são necessárias duas atitudes: a oração e a penitência. Estes dois dons dados gratuitamente por Deus completam-se e aproximam-nos uns dos outros na caridade; esta nunca acaba e é nela que obtemos a salvação. É o bem maior que podemos alcançar e é para isso que Deus nos criou, para O contemplarmos um dia na sua glória. Para lá chegarmos, abraçamos a nossa cruz, dia a dia, enquanto vivemos.

Emílio Oliveira
Via revista.arautos.org

O SEGREDO DA VITÓRIA ANGÉLICA

O Livro de Jó constata uma realidade que vivemos cada dia: “*Militia est vita hominis super terram* – A vida do homem nesta terra é uma luta” (7, 1).

Tal peleja cotidiana é reflexo do *praelium magnum* do Céu, entre o exército de São Miguel e os anjos insurgentes. Sob o estandarte do Senhor, o Santo Arcanjo proclamou a magnificência divina: “*Quis ut Deus?!* – Quem como Deus?!”; sob a bandeira das trevas, Lúcifer exalou revolta e insubmissão: “*Non serviam!* – Não servirei!”

Esse antagonismo, porém, não terminou com a precipitação dos anjos maus nos abismos infernais; foi transposto para a vida terrena, como continuidade e consumação. Com efeito, assevera o Apóstolo que “não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os Principados e Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso e contra os espíritos malignos espalhados pelos ares” (Ef 6, 12).

Para São Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*. I, q.114, a.1), tal combate tem, em si mesmo, origem na maldade do demônio que “peca desde o início” (I Jo 3, 8); no entanto, a ordenação para o fim último vem de Deus, que sabe permitir o mal para ordená-lo ao bem. Na visão meramente humana, o significado desses arcanos divinos permanece um mistério.

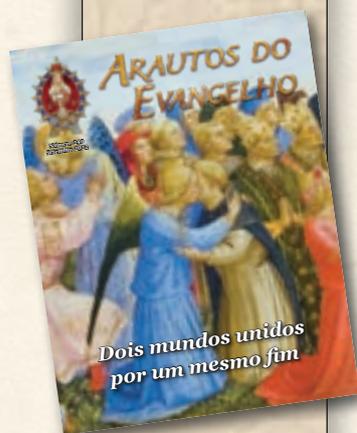
Nesse sentido, a missão de Cristo na terra foi uma grande reconquista. A todo momento Jesus pugnava contra as ações diabólicas, concretizadas em tentações, vexações ou possessões. Essa cruzada contra o demônio constituía a própria essência de sua missão: “Deus O ungiu com o Espírito Santo e com poder, Ele que passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com Ele” (At 10, 38).

Contudo, embora a Redenção tenha sido um grande revés para os espíritos das trevas, estes persistem em sua função de tentar os filhos da luz. Os Anjos bons, por sua vez, estão literalmente “de guarda” para nos auxiliar no combate contra o “príncipe deste mundo” (Jo 16, 11).

As armas do demônio são bem conhecidas, como também seus aliados: o mundo e a carne. Ademais, seus recursos táticos já foram escrutinados e desgastados pelo tempo, como a surpresa e a dissimulação – de fato, com frequência ele se disfarça de “anjo de luz” (II Cor 11, 14). Essas artimanhas estão à disposição de qualquer exército; entretanto, somente os filhos da luz podem se servir daquilo que nenhum poder humano pode oferecer, isto é, a graça.

Eis o segredo para a vitória: a união com Aquela que é “cheia de graça” (Lc 1, 28). Ora, se o cerne da revolta dos demônios se resume na atitude revolucionária de “*non serviam*”, a contrarrevolução para o bem só pode se distinguir pelo desprendido serviço, pelo “*serviam*”, à imitação de Maria Santíssima, “a escrava do Senhor” (Lc 1, 38).

Dessa forma, não há ato mais exorcístico do que se consagrar como escravo à Sabedoria Encarnada pelas mãos da Rainha dos Anjos, pois Ela, por meio de sua descendência, há de esmagar definitivamente a cabeça da Serpente (cf. Gn 3, 15). Então, esses “apóstolos dos últimos tempos”, unidos aos Anjos e aos Santos, proclamarão a uma só voz: “Quem como Maria?!” ✧



Detalhe do “Juízo Final”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

Foto: Reprodução



Embaixadores de Deus, modelos para os homens

Nós, seres humanos, deveríamos tornar-nos sempre anjos uns para os outros; anjos que nos afastam dos caminhos errados e nos orientam de novo para Deus.

O que é um Anjo? A Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja deixam-nos entrever dois aspectos. Por um lado, o Anjo é uma criatura que está diante de Deus, orientada com todo o seu ser para Deus. Os três nomes dos Arcanjos [Miguel, Gabriel e Rafael] terminam com a palavra *El*, que significa *Deus*. Deus está inscrito nos seus nomes, na sua natureza. A sua verdadeira natureza é a existência em vista d'Ele e para Ele.

Explica-se precisamente assim também o segundo aspecto que caracteriza os Anjos: eles são mensageiros de Deus. Trazem Deus aos homens, abrem o Céu e assim abrem a terra. Exatamente porque estão junto de Deus, podem estar também muito próximos do homem.

De fato, Deus é mais íntimo a cada um de nós do que o somos nós mesmos. Os Anjos falam ao homem do que constitui o seu verdadeiro ser, do que na sua vida com muita frequência está velado e sepultado. Eles o chamam a reentrar em si mesmo, tocando-o da parte de Deus. Neste sentido também nós, seres humanos, deveríamos tornar-nos sempre de novo anjos uns para os outros; anjos que nos afastam dos

caminhos errados e nos orientam sempre de novo para Deus. [...]

Miguel: defensor da causa de Deus

Tudo isso se torna ainda mais claro se olharmos agora para as figuras dos três Arcanjos, cuja festa a Igreja celebra hoje. Antes de tudo está Miguel. Encontramo-lo na Sagrada Escritura sobretudo no Livro de Daniel, na Carta do Apóstolo São Judas Tadeu e no Apocalipse. [...] Ele defende a causa da unicidade de Deus contra a soberba do Dragão, da “Serpente antiga” (Ap 12, 9), como diz João. É a perene tentativa da Serpente de fazer crer aos homens que Deus deve desaparecer, para que eles se possam tornar grandes; que Deus é um obstá-

*Por se encontrarem
sempre junto de
Deus, os Anjos
podem também estar
próximos ao homem,
comunicando o
Céu com a terra*

culo para a nossa liberdade e que por isso devemos desfazer-nos d'Ele.

Mas o Dragão não acusa só Deus. O Apocalipse chama-o também “o acusador dos nossos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante de Deus” (12, 10). Quem põe Deus de lado, não enobrece o homem, mas priva-o da sua dignidade. Então o homem torna-se um produto defeituoso da evolução. Quem acusa Deus, acusa também o homem. A fê em Deus defende o homem em todas as suas debilidades e insuficiências: o esplendor de Deus resplandece sobre cada indivíduo. [...]

Gabriel: desbravador dos corações

Encontramos o Arcanjo Gabriel sobretudo na preciosa narração do anúncio a Maria da Encarnação de Deus, como nos refere São Lucas (cf. Lc 1, 26-38). Gabriel é o mensageiro da Encarnação de Deus. Ele bate à porta de Maria e, por seu intermédio, o próprio Deus pede a Maria o seu “sim” para a proposta de se tornar a Mãe do Redentor: dar a sua carne humana ao Verbo Eterno de Deus, ao Filho de Deus.

Repetidas vezes o Senhor bate às portas do coração humano. No Apocalipse diz ao “Anjo” da Igreja de Lao-

diceia e, através dele, aos homens de todos os tempos: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele” (3, 20). O Senhor está à porta do mundo e à porta de cada um dos corações. Ele bate para que O deixemos entrar: a Encarnação de Deus, o seu fazer-Se carne deve continuar até o fim dos tempos. Todos devem estar reunidos em Cristo num só corpo: dizem-nos isto os grandes hinos sobre Cristo na Carta aos Efésios e na Carta aos Colossenses. Cristo bate.

Também hoje Ele tem necessidade de pessoas que, por assim dizer, lhe ponham à disposição a própria carne, que lhe doem a matéria do mundo e da sua vida, servindo assim para a unificação entre Deus e o mundo, para a reconciliação do universo. Queridos amigos, compete-vos bater à porta dos corações dos homens, em nome de Cristo. Entrando vós mesmos em união com Cristo, podereis também assumir a função de Gabriel: levar a chamada de Cristo aos homens.

Rafael: bálsamo contra as chagas do pecado

São Rafael é-nos apresentado sobretudo no Livro de Tobias como o Anjo ao qual é confiada a tarefa de curar. Quando Jesus envia os seus discípulos em missão, à tarefa do

anúncio do Evangelho está sempre ligada a de curar. O bom samaritano, acolhendo e curando a pessoa ferida que jaz à beira da estrada, torna-se silenciosamente uma testemunha do amor de Deus. Este homem ferido, com necessidade de curas, somos todos nós. Anunciar o Evangelho, já em si, é curar, porque o homem precisa sobretudo da verdade e do amor.

Do Arcanjo Rafael são referidas no Livro de Tobias duas tarefas emblemáticas de cura. Ele cura a comunhão importunada entre homem e mulher. Cura o seu amor. Afasta os demônios que, sempre de novo, rasgam e destroem o seu amor. Purifica a atmosfera entre os dois e confere-lhes a capacidade de se receberem reciprocamente para sempre. [..]

Em segundo lugar, o Livro de Tobias fala da cura dos olhos cegos.

A exemplo dos Arcanjos, devemos ser defensores da causa de Deus, arautos da Fé e instrumentos para a cura das almas

Todos sabemos quanto estamos hoje ameaçados pela cegueira para Deus. Como é grande o perigo de que, perante tudo o que sabemos sobre as coisas materiais e o que somos capazes de fazer com elas, nos tornemos cegos para a luz de Deus.

Curar esta cegueira mediante a mensagem da fé e o testemunho do amor, é o serviço de Rafael confiado dia após dia ao sacerdote e de modo especial ao Bispo. Assim, somos espontaneamente levados a pensar também no Sacramento da Reconciliação, no Sacramento da Penitência que, no sentido mais profundo da palavra, é um Sacramento de cura. A verdadeira ferida da alma, de fato, o motivo de todas as outras nossas feridas, é o pecado. E só se existe um perdão em virtude do poder de Deus, em virtude do poder do amor de Cristo, podemos ser curados, podemos ser remidos. ✧

Excertos de: BENTO XVI.
Homilia na festa dos Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, 29/9/2007



Arcanjo São Miguel - Castelo Sant'Angelo, Roma



Sergio Holmann

EVANGELHO

Naquele tempo, ⁴⁷ Jesus viu Natanael que vinha para Ele e comentou: “Aí vem um israelita de verdade, um homem sem falsidade”. ⁴⁸ Natanael perguntou: “De onde me conheces?” Jesus respondeu: “Antes que Filipe te chamasse, enquanto estavas debaixo da figueira, Eu te vi”. ⁴⁹ Natanael respondeu: “Rabi, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel”. ⁵⁰ Jesus disse: “Tu crês porque te disse: ‘Eu te vi debaixo da figueira?’ Coisas maiores que esta verás!” ⁵¹ E Jesus continuou: “Em verdade, em verdade, Eu vos digo: Vereis o Céu aberto e os Anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1, 47-51).

“São Miguel e São Bartolomeu”, por Giovanni di Marco - Museu de Belas Artes, Dijon (França); na página seguinte, detalhes de afrescos de Giotto - Cappella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

O “*proelium magnum*” da História

O Apocalipse descreve com fulgor especial a batalha travada no Céu entre os Anjos fiéis e os apóstatas. Longe de haver ali terminado, essa luta continuou a desenrolar-se na terra ao longo da História, e atinge hoje um ponto culminante.



✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – ANJOS E HOMENS: DUAS SOCIEDADES ESTANQUES?

A festa dos três Arcanjos traz às nossas mentes o fulgor dos espíritos celestiais, a sua prodigiosa excelência e pureza, bem como a sua força e poder incalculáveis. O Criador de todas as coisas Se comprouve em ornar o universo com miríades de Anjos, a fim de nolo apresentar perfeito, grandioso e cintilante. Assim como é impossível contar as estrelas do firmamento e as areias das praias, também o é calcular a vastidão das milícias angélicas, que ultrapassa qualquer consideração humana. Baseado na tradição patrística, São Tomás de Aquino¹ estabelece a superioridade numérica dos Anjos em relação aos homens na proporção de noventa e nove por um.

E se tal é a desigualdade quantitativa, muito maior se revela a de natureza. Ao analisarmos a distância existente entre o mundo angélico e o humano, percebemos a inatingível altura em que paira o primeiro sobre o segundo.

Superioridade harmônica do mundo angélico

No contato direto com o mundo angélico, um pobre mortal que não estivesse sustentado pela graça divina sentir-se-ia quase aniquilado, tal é a supremacia dos espíritos celestiais. Apesar de os homens serem de natureza racional, pelo fato de suas almas estarem unidas aos corpos eles se

tornam bastante modestos se comparados aos diáfanos embaixadores do Senhor.

Diversos episódios do Antigo Testamento nos recordam o santo temor que tomava os israelitas à vista de um mensageiro divino, julgando que, após o terem contemplado, seguramente lhes aguardava a morte (cf. Jz 6, 22; 13, 22; Lc 1, 12). E o profundo impacto que a visão do Anjo da Paz causou aos pastorinhos de Fátima, no início do século XX, mostra o quanto os motivos para tal sentimento são ainda atuais.

Todavia, Deus tudo rege com sapiencial doçura e, ao passo que estabeleceu uma hierarquia entre as suas criaturas, harmonizou também essas duas sociedades tão divergentes do ponto de vista natural, concedendo a Anjos e homens o dom da graça, mediante a qual ambas as categorias de seres gozam da filiação divina. Assim, embora os puros espíritos transcendam em muito, por sua inteligência rutilante e vontade indomável, as pobres luzes e fracas resoluções dos filhos de Adão, a comum participação na vida de Deus os torna irmãos, estreitamente unidos no amor do mesmo Pai.

O papel Anjos na História humana

Ao longo dos séculos, os Anjos têm se empenhado em custodiar, iluminar e governar os homens, agindo como verdadeiros ministros do Altíssimo, a fim de evitar que se extraviem durante a peregrinação por este vale de lágrimas

*Deus ornou
o universo
com miríades
de Anjos,
a fim de o
apresentar
perfeito,
grandioso e
cintilante*

*Como irmãos
mais velhos
e amigos
leais, os Anjos
custodiam,
iluminam e
governam
os homens,
unindo-se a
eles na luta
contra o mal*

e de fazer com que alcancem a vida eterna. Os espíritos celestes, após superar a prova a que foram submetidos pelo Soberano Rei do universo, gozam da visão de Deus (cf. Mt 18, 10) e permanecem estáveis como a rocha na adesão a toda forma de bem. Por essa razão, como irmãos mais velhos e amigos leais, não almejam senão dar a maior glória possível a seu Senhor, conduzindo seus custodiados ao Paraíso.

A relação tão estreita existente entre os dois mundos – diversos, mas intimamente interpenetrados – está relatada com riqueza de detalhes nas Sagradas Escrituras. Basta lembrar a esse respeito as proezas de São Rafael e de Tobias (cf. Tb 6–12), assim como as aparições do Arcajo São Gabriel a alguns justos, culminando com seu sublime colóquio com a Virgens das virgens (cf. Dn 8, 15-16; 9, 21; Lc 1, 19, 26). De outra parte, são os Anjos responsáveis pela Liturgia celeste, como nos é descrito em várias passagens bíblicas (cf. Gn 28, 12, Is 6, 2-4, Ez 10, Dn 7, 10, Ap 8, 3-4); por isso, a Tradição da Igreja considera a recitação de salmos e hinos de glorificação a Deus como um ofício anagógico, mediante o qual os homens unem-se aos puros espíritos num mesmo louvor ao Criador. Também o papel dos Anjos da Guarda na santificação de seus custodiados ocupa lugar primordial na piedade católica, fundamentado em sólidas conclusões teológicas levadas à perfeição pela sabedoria de São Tomás.

Entretanto, há um aspecto dessa profícua relação que é pouco ressaltado, o qual consiste na coligação dos Anjos bem-aventurados e dos homens fiéis na luta contra o mistério do mal que se desenvolve na trama da História. Tal aspecto está relacionado com o brado sacral, combativo e exorcístico do Príncipe da Milícia Celeste: “*Quis ut Deus?* – Quem como Deus?”

O Apocalipse, em linguagem simbólica e misteriosa, assim o mostra: “Houve uma batalha no Céu. Miguel e seus Anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram. E já não houve lugar

no Céu para eles. Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele os seus anjos. [...] Este, então, se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os Mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (12, 7-9.17).

Pelo fato de Satanás ter sido expulso por São Miguel da presença do Senhor dos Exércitos e arremessado à terra, um novo campo de batalha se inaugurava.



São Miguel combate o Dragão, “Les Très riches heures du Duc de Berry” - Castelo de Chantilly (França)

Anjos e homens: um só exército do Senhor

Vencida a terrível e encarnçada guerra travada no Paraíso Celeste, a disputa não consiste mais num duelo fulminante entre puros espíritos. Havia entrado na liça os homens, inicialmente seduzidos pelo tentador, mas socorridos ao longo dos séculos pela misericórdia divina, a qual culminará na obra da Redenção levada a cabo por Nosso Senhor Jesus Cristo. A maldição de Deus Pai contra a Serpente

estabeleceu uma inimizade irreconciliável entre a raça do demônio e a estirpe da Mulher, desencadeando uma contenda acirrada e mortal, que só terminará no Juízo Final.

Tão bela, proveitosa e magnífica torna-se essa guerra, que o próprio Filho de Deus Encarnado quis nela entrar como General invencível. Sua principal arma consiste na obediência filial e amorosa à vontade do Pai, que se manifesta no Sacrifício da Cruz. Nosso Senhor é o Rei do Céu e da terra, o Senhor Absoluto a quem os Anjos, reverentes e cheios de temor, adoram e servem. Ele, portanto, encabeça as hostes do bem compostas pelos espíritos celestes e pelos homens bons. Satanás, como vimos, é o cabecilha dos demônios e seus asseclas, recrutados também entre os filhos de Eva.

Santo Inácio de Loyola, num dos passos mais característicos de seu retiro espiritual, apresenta a meditação das duas bandeiras, ou seja, dos

dois exércitos enfrentados até a consumação dos séculos. Como composição de lugar, ele propõe “ver um grande campo de toda aquela região de Jerusalém, onde o sumo Capitão General dos bons é Cristo nosso Senhor; outro campo na região de Babilônia, onde o caudilho dos inimigos é Lúcifer”.²

O santo fundador aconselha a imaginar o demônio sentado numa cátedra de fogo e fumaça, com figura horrível e espantosa. Em contraposição, recomenda conceber a imagem do “sumo e verdadeiro Capitão, que é Cristo nosso Senhor”.³ O primeiro, ao grito de “Não servirei” (Jr 2, 20) e “Serei igual ao Altíssimo” (Is 14, 14), procura destronar a Deus. Por sua vez, o Divino Cavaleiro, montado sobre um corcel branco (cf. Ap 19, 11), luta com força irresistível a fim de restituir ao Pai a glória que Lhe é devida.

Como se desenrola essa luta? Qual será o seu desfecho? São perguntas oportunas, que merecem ser elucidadas por ocasião da festa dos três Arcanjos.

II – O FULGOR INICIAL DE UMA ALMA JUSTA

O Evangelho escolhido pela Santa Igreja para a Liturgia de hoje situa-se no fim do primeiro capítulo de São João. Nosso Senhor estabelece os primeiros contatos com seus futuros discípulos, pertencentes aos círculos de seguidores do Precursor. Dentre eles se destaca Natanael, de quem Jesus tece os mais nobres elogios.

A luz primordial de Natanael

Naquele tempo, ⁴⁷ Jesus viu Natanael que vinha para Ele e comentou: “Aí vem um israelita de verdade, um homem sem falsidade”.

O discernimento dos espíritos de Nosso Senhor é absoluto. Com olhar penetrante e infalível, Ele conhece de modo perfeitíssimo os corações dos homens e percebe, mais do que ninguém, qual aspecto da infinita veracidade, bondade e beleza de Deus cada um está singularmente chamado a representar. Por isso, ao ver Natanael afirma: “Aí vem um israelita de verdade, um homem sem falsidade”.

Se considerarmos que Jesus dirá de Si mesmo ser a Verdade e que o combate mais acérrimo d’Ele contra os fariseus foi travado devido à crassa hipocrisia destes, como não apreciar o elogio

feito ao novo discípulo, que se aproxima com a expectativa de encontrar o Salvador de Israel? Pode-se conjecturar que o Redentor tinha por intenção explicitar a luz primordial de Natanael, a fim de estimulá-lo na sua via específica de santificação.

Uma fé robusta no início da vocação

⁴⁸ Natanael perguntou: “De onde me conheces?” Jesus respondeu: “Antes que Filipe te chamasse, enquanto estavas debaixo da figueira, Eu te vi”. ⁴⁹ Natanael respondeu: “Rabi, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel”.

Natanael sente-se profundamente interpretado. Ninguém havia explicitado de maneira tão concisa e clara o fundo de sua personalidade virtuosa. Sim, ele era de fato uma pessoa reta, e só Nosso Senhor o intuira com tal acuidade, mesmo sem conhecê-lo diretamente. Jesus o tinha visto à distância, de forma sobrenatural, enquanto o futuro Apóstolo rezava ou refletia debaixo da figueira sobre assuntos íntimos, jamais revelados a outros. Quicá pensasse Natanael na falsidade dos fariseus e no mal da hipocrisia, dilacerado ao contemplar a crise das elites hebraicas.

O certo é que, saber-se assim conhecido e amado pelo Mestre, abriu o coração do discípulo para a graça da fé, recebida com uma acuidade fora do comum: “Rabi, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel”. São Pedro faria tal confissão mais tarde, após ter presenciado milagres retumbantes e ouvido doutrinas maravilhosas; Natanael, porém, no primeiro contato voou até a divindade do Senhor e a proclamou com convicção.

O prêmio dos que creem

⁵⁰ Jesus disse: “Tu crês porque te disse: ‘Eu te vi debaixo da figueira?’ Coisas maiores que esta verás!”

É difícil imaginar a consolação experimentada por Natanael ao ouvir do Mestre essas palavras. O Todo-Poderoso nunca Se deixa vencer em generosidade! Nosso Senhor louva a prontidão da fé de Natanael, que O proclama Filho de Deus e Rei de Israel somente por ter comprovado a penetração e o caráter extraordinário de seu discernimento, e lhe promete: “Coisas maiores que esta verás”.

Com efeito, o Senhor dá-Se por inteiro àquele que se dá por inteiro a Ele. Assim, a magnani-

O próprio Filho de Deus quis entrar nesta batalha como General invencível do exército do bem, formado por homens e espíritos celestes

Jesus é também Senhor dos Anjos. Por seu poder divino deu-se o desfecho glorioso do “praelium magnum”

midade e a confiança do discípulo viram-se pagas com uma largueza inesperada: a promessa do Céu, da visão direta de Deus, que já na terra podemos de algum modo possuir mediante a virtude da esperança.

O Rei dos Anjos

⁵¹ E Jesus continuou: “Em verdade, em verdade, Eu vos digo: Vereis o Céu aberto e os Anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

Nosso Senhor faz uma clara alusão ao sonho do patriarca Jacó em Betel (cf. Gn 28, 10-19).

Durante seu repouso noturno, viu ele uma escada apoiada na terra que alcançava o Céu. Os anjos subiam e desciam por ela, e Yahvé estava no extremo mais alto, de onde renovou de forma solene as promessas feitas a Abraão. Jacó ficou sobremaneira impactado com a visão e chamou aquele lugar de “casa de Deus” e “porta do Céu”.

Tal manifestação sobrenatural punha em realce a soberania absoluta do Divino Artífice sobre toda a criação, incluindo os espíritos celestes. Pois bem, ao aplicar a Si mesmo a visão do patriarca, o Salvador sublinha o esplendor de sua divindade, idêntica à do Pai. Jesus é também Senhor dos Anjos, em tudo superior a eles, como ensinará São Paulo na célebre passagem da Epístola aos Hebreus: “[Está] tão superior aos Anjos quanto excede o deles o nome que herdou. Pois a quem dentre os Anjos disse Deus alguma vez: ‘Tu és meu Filho; Eu hoje Te gerei’? Ou, então: ‘Eu serei para Ele um Pai e Ele será para Mim um Filho’? E novamente, ao introduzir o seu Primogênito na terra, diz: Todos os Anjos de Deus O adorem” (1, 4-6).

Jesus quer solidificar a fé de Natanael e, para isso, lhe promete assistir à revelação clara, grandiosa e suprema de sua personalidade divina. Ele é um com Pai e, portanto, Senhor do universo. Essa ascendência de Cristo sobre os Santos Anjos explica o fato de Ele ter acompanhado o *praelium magnum* do Céu, antes mesmo de dar-Se a Encarnação. Assim o certifica o Evangelho de São Lucas: “Voltaram alegres os setenta e dois, dizendo: ‘Senhor, até os demônios se nos subme-



Reprodução

Cristo com os Serafins, por Lorenzo Monaco - Gemäldegalerie, Berlin

tem em teu nome!’ Jesus disse-lhes: ‘Vi Satanás cair do Céu como um raio’” (10, 17-18).

Nosso Senhor, enquanto Verbo eterno e encarnado de Deus, não só presenciou a derrocada de Lúcifer, mas, como Supremo Juiz, o condenou para sempre junto com a corja dos anjos rebeldes derrotados por São Miguel e suas magníficas coortes. O desfecho glorioso do *praelium magnum* resolveu-se, em definitivo, pelo poder infinito d’Ele. Todavia, a derrota do demônio não lhe impediu de todo a ação. No Céu não havia mais lugar para ele, é verdade, mas, como consideramos anteriormente, na terra

iniciava-se um novo *praelium magnum*, que teria como protagonista o gênero humano.

A Igreja, embora vitoriosa e participante da glória da Ressurreição de sua Cabeça, como bem profetiza São João no Apocalipse (cf. Ap 21, 9-27), seria perseguida, assediada e infiltrada cruelmente pelas insídias do demônio e de seus asseclas ao longo dos séculos. Ela, porém, manifestaria a força da divindade de seu Fundador expurgando, atacando e resistindo aos assaltos promovidos pelos contubérnios da iniquidade.

III – ANJOS E HOMENS UNIDOS POR VÍNCULOS SAGRADOS

O Apóstolo das Gentes compara o cristão a um soldado: “Tu, portanto, meu filho, procura progredir na graça de Jesus Cristo. [...] Suporta comigo os trabalhos, como bom soldado de Jesus Cristo. Nenhum soldado pode implicar-se em negócios da vida civil, se quer agradar ao que o alistou” (II Tim 2, 1.3-4). Parece lógico, portanto, que cada batizado se pergunte qual é o seu papel na luta contra o mal e quais são as armas espirituais a serem usadas. De outra parte, interessa conhecer com detalhe o papel dos extraordinários aliados que nos concedeu o Céu: “Aos seus Anjos Ele mandou que te guardem em todos os teus caminhos” (Sl 90, 11).

Com efeito, os espíritos celestes possuem um poder muito superior ao humano. Um só deles executou, sem excetuar nenhum, todos os primogênitos do Egito (cf. Ex 12, 30; Hb 11, 28). Outro,

no reinado de Ezequias, causou numa mesma noite a morte de cento e oitenta e cinco mil soldados de Senaquerib (cf. II Rs 19, 35). Na fornalha ardente, um terceiro protegeu do fogo os três jovens que Nabucodonosor havia condenado a morrerem queimados vivos (cf. Dn 3, 49-50). Também São Pedro foi liberto das garras de Herodes pela intervenção de um Anjo, que soltou as correntes e abriu-lhe por milagre as portas da prisão onde se encontrava (cf. At 12, 7-10). Inúmeros fatos semelhantes e não menos extraordinários pululam nas Sagradas Escrituras e na vida dos Santos.

Era sapiencial que Deus, tendo concedido aos demônios permissão para tentar, infestar e assaltar os filhos da luz, fizesse entrar na guerra, a favor da Santa Igreja, os espíritos angélicos, a fim de cooperarem com os homens para a instauração do Reino de Deus. De tal modo que o *praelium magnum* da terra se concluirá com uma estrondosa vitória do exército do bem, que combate às ordens do Divino General.

Nas batalhas da vida espiritual, lutemos junto aos Anjos!

Um episódio do Antigo Testamento pode nos ajudar a compreender o quanto a presença dos Anjos pode ser benéfica e entusiasmante para a santa milícia do Senhor. Trata-se de uma batalha dos Macabeus contra Lísias, parente do Rei Antíoco, que desejava conquistar Jerusalém a fim de profaná-la, dirigindo contra ela um exército imponente e assustador.

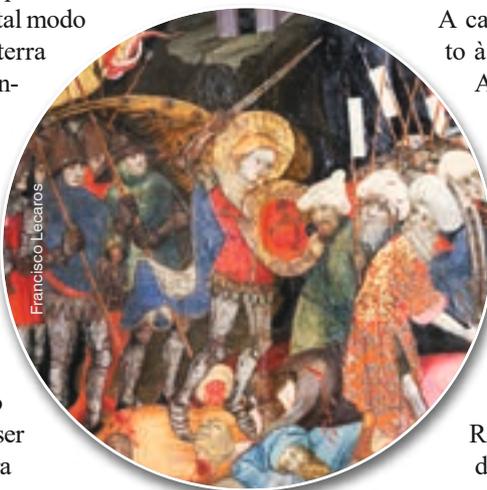
Os judeus, com lágrimas e súplicas, obtiveram que Deus lhes enviasse um cavaleiro celestial para acompanhar os soldados no combate. O resultado foi impressionante: “O próprio Macabeu foi o primeiro a pegar em armas, encorajando os demais a se exporem ao perigo com ele, para socorrer seus irmãos. Atacam todos com ânimo resolutivo. Ainda não se haviam afastado de Jerusalém, quando apareceu diante deles um cavaleiro vestido de branco, empunhando armas de ouro. Então, bendisseram todos juntos ao Senhor e, repletos de coragem, sentiram-se prontos a transpassar não só os homens, mas os mais ferozes animais e até muralhas de ferro. Marcharam, pois, em ordem

de batalha, com esse auxiliar enviado do Céu pelo Senhor misericordioso. Como leões, atiraram-se sobre os inimigos, trucidaram onze mil infantes e seiscentos cavaleiros, e forçaram os demais a fugir. A maior parte destes, feridos, sem armas, pôs-se a salvo. O próprio Lísias salvou-se, fugindo vergonhosamente” (II Mac 11, 7-12).

A festa dos gloriosos Arcanjos São Miguel, São Gabriel e São Rafael é, pois, uma ocasião valiosíssima para que cada soldado de Cristo, em união com a Santa Madre Igreja, recorra ao auxílio das milícias celestiais. Alentado pela ação angélica e unido sob o estandarte da Cruz, o exército do bem poderá enfrentar – destemido, altaneiro e cheio de fé – as jactantes tropas do adversário que, qual novo Golias, sucumbirá tremendamente humilhado.

A cavalaria angélica lutará junto às hostes dos justos. Assim, Anjos e homens, estreitando sempre mais os vínculos sagrados que os unem, desferirão o golpe mais terrível da História contra o inimigo infernal, que estende sua investida, qual sinistra e enorme teia de aranha, por toda a terra. Tendo o próprio Deus humanado como Rei e General, quem poderá derrotar esse exército bendito em que os espíritos celestes e os filhos da luz lutam lado a lado contra o demônio e seus asseclas?

O triunfo do Coração Imaculado de Maria profetizado em Fátima será o mais belo troféu obtido no embate entre o bem e o mal. Supliquemos o auxílio dos Anjos, peçamos aos príncipes da milícia celestial que desçam com suas legiões para combater a nosso favor. Dessa forma, poderemos oferecer à nossa Rainha a coroa de maior fulgor, a glória mais retumbante, a reconquista tão esperada. ✧



Vitória de São Miguel em Siponte sobre os infiéis, por Luís Borrassà - Museu de Arte de Girona (Espanha)

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Matthæum*, c.XVIII, lect.2; *Catena Aurea*. In *Lucam*, c.XV, v.1-7.

² SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*, n.138.

³ Idem, n.143.

A cavalaria angélica e as hostes dos justos desferirão, juntas, o golpe mais terrível da História contra o inimigo infernal



OS SETE ARCANJOS

O estado-maior de Deus

Todo exército possui uma hierarquia, coroada por um estado-maior. No caso dos Anjos, ele está composto por sete oficiais de elite.



✦ Marcelo Soares Teixeira da Costa

Quicá os Anjos não sejam como imaginamos. Alguns séculos de iconografia religiosa aduçoada acabaram nos vendendo uma espécie de figura *standard* do personagem alado, jovem – ou criança, conforme o gosto do freguês –, vestido com trajes leves ou nulos e exercitando despreocupadamente seus dotes de violinista por toda a eternidade. Ora, admitindo isso, seríamos levados a concluir que o Paraíso se afigura ou como uma imensa orquestra de virtuosos, ou uma pitoresca creche de bebês eternos...

A verdade, porém, parece bem mais ampla. Não podemos esquecer que essas criaturas suaves, diáfanas, puríssimas, nasceram em um Céu de fogo,¹ entraram em guerra contra os demônios já nos primeiros instantes de sua existência, foram postos à entrada do Éden para guardá-lo com espadas chamejantes, são capazes de dizimar exércitos e castigar cidades inteiras (cf. Ap 12, 7; Gn 3, 24; II Rs 19, 35; II Sm 24, 15-17).

Enfim, quando analisados com atenção, os Anjos se revelam tão possantes, combativos e, ousaríamos dizer, varonis – já que a varonilidade consiste sobretudo em um valor de espírito – que talvez só possam ser

designados adequadamente, em seu conjunto, com esta fórmula incomparável: “milícia celeste” (Lc 2, 13)!

Ora, todo exército possui uma hierarquia, coroada por um estado-maior. No caso dos Anjos, ele está composto por sete oficiais de elite. É deles que nos ocuparemos agora.

Como sabemos que eles existem?

Quem nos dá a conhecer a existência dos sete Arcanjos é São Rafael. Após ter cumprido a missão junto a Tobias e os seus, ele revela sua verdadeira natureza, e afirma pertencer a esse grupo seletivo de espíritos (cf. Tb 12, 15). Embora nem sequer utilize o termo *Arcanjo* – aliás, empregado apenas duas vezes nas Escrituras, ambas no Novo Testamento –, suas palavras fundamentam nossa fé na existência dos sete Arcanjos.²

O amigo de Tobias apresenta-se como um dos entes angélicos que assistem na presença de Deus e entram no conspecto de sua glória. Essa função, indicada por Rafael com tanta simplicidade, é própria a causar santa inveja em qualquer criatura. Trata-se de um encargo análogo ao dos servidores diretos dos reis da terra; têm esses sete Anjos livre acesso à intimidade do Altíssimo, na qualidade de confidentes e ministros.³ Enquadram-

-se, portanto, no coro dos Serafins, cuja função é estar em relacionamento imediato com Deus e amá-Lo, não com uma dileção comum, mas com um “amor incendiado”.⁴

Como eles se chamam?

É preciso dizer que os Anjos sempre demonstraram uma curiosa relutância em revelar seus próprios nomes. Manuê, pai de Sansão, tentou descobrir o de um deles quando o espírito lhe apareceu, mas não se saiu bem... A resposta veio quase como uma repreensão: “Por que perguntas o meu nome? Ele é magnífico” (Jz 13, 18).

Na verdade, as criaturas angélicas não precisam se embaraçar com esse tipo de formalidade, porque não se comunicam através de palavras. As denominações sob as quais eles se apresentam referem-se, simplesmente, à missão que desempenham junto aos homens. Consistem em adaptações feitas para o intelecto humano,⁵ ou seja, estão sempre aquém da realidade... Talvez por isso apenas três dos sete Arcanjos revelaram seus nomes de maneira oficial, ou seja, foram acolhidos pela Santa Igreja como parte da Revelação pública: São Miguel, São Gabriel e São Rafael.

Nos primeiros séculos da Igreja havia o costume de cultuar outros

espíritos angélicos nominalmente, sobretudo com base em dados extraídos dos livros apócrifos. Isso acabou no ano 745, quando o Papa São Zacarias condenou, a pedido de São Bonifácio, um certo Adelberto, que se supõe ter usado algumas dessas invocações para bruxaria. No sínodo que impugnou o herege, reiterou-se que a Igreja só reconhece oficialmente os três designativos mencionados acima.

O Papa não afirmou ser ilícito dar nomes a Anjos; apenas condenou aqueles que o feiticeiro utilizava. Prova-o o fato de Santos ulteriores ao pontificado de Zacarias adotarem tal prática.⁶ Claro está, porém, que continua sendo recomendável proceder com cautela nessa matéria.

Seja como for, a humanidade ainda desconhece quatro dos sete Arcanjos, e nessa incógnita permanecerá até que eles mesmos se dignem deitar alguma luz sobre o assunto. Não vemos outra maneira, senão através de uma revelação privada aprovada pela Igreja. Mas isso não depende de nós...

Suas missões

Há pouco considerávamos que os sete Arcanjos são Serafins. Contudo, eles não passam todo o tempo exclusivamente contemplando a Deus. Quando se põem a desempenhar alguma missão “prática” que o Altíssimo lhes tenha confiado, seu amor abrasado se transforma em zelo, e sua ação costuma ser precisa, eficaz, avassaladora.

Enquanto se encontrava exilado na Babilônia, o profeta Ezequiel viu-se levado misticamente ao átrio interior do Templo de Jerusalém. Foi-lhe revelado que, no próprio recinto sagrado, praticava-se a idolatria, provavelmente a adoração à deusa Astarte, a Vênus fenícia, cujo culto costumava estar associado a ações obscenas. Para cúmulo do escândalo, havia “imagens de répteis e de animais imundos” (Ez 8, 10) sendo incensadas em certas câmaras no entorno do Templo e, ao que tudo

indica, estes eram os aposentos dos sacerdotes.⁷ No coração da Religião verdadeira, os homens chamados a ser a ponta de lança do fervor transformavam a Casa de Deus em um antro de abominações. Aquele pecado não poderia permanecer impune.

Logo apareceram seis homens, cada um trazendo o respectivo “instrumento de destruição” (Ez 9, 2) nas mãos. Eram eles liderados por um sétimo personagem, vestido de linho como os sacerdotes e com um estojo de escriba à cintura.⁸ Aqueles Anjos em forma humana receberam indicações precisas: em primeiro lugar, o último deles deveria percorrer Jerusalém marcando com uma cruz na testa os que gemiam e suspiravam devido aos pecados cometidos na cidade; depois, os outros seis exterminariam todos os ímpios que não tivessem esse sinal sagrado, começando pelo Santuário. Os termos da ordem impressionam por sua trucu-



Fotos: Reprodução

Os sete Arcanjos vivem na íntima contemplação de Deus, mas também desempenham missões de forma eficaz e avassaladora

São Miguel, por Gerard David - Museu Kunsthistorisches, Viena; na página anterior, exército angélico, por Guariento di Arpo - Museus Cívicos de Pádua (Itália)

lência: “Manchai o Templo e enchei de cadáveres os adros; em seguida, saí!” (Ez 9, 7).

Uma vez terminada a operação, em uma atitude tipicamente militar, o comandante do destacamento foi prestar contas à autoridade, com uma objetividade e um sangue-frio – se sangue tivesse... – desconcertantes: “Fiz o que me ordenastes” (Ez 9, 11). De fato, Jerusalém não tardaria em ser devastada por Nabucodonosor.

Os Anjos das trombetas

Vemos os sete Arcanjos também no capítulo oitavo do Apocalipse, desta vez munidos não de misteriosas armas, mas de trombetas. Ao serem tocadas, elas precipitam pragas terríveis sobre a terra – e, detalhe curioso, o castigo divino se desencadeia em atenção às orações dos Santos (cf. Ap 8, 3-5).

É reconfortante observar que seus métodos em muito se assemelham aos da visão de Ezequiel: o castigo se abstém de atingir os marcados na fronte com o selo de Deus (cf. Ap 9, 4).

Na verdade, não se trata apenas de poupar os justos. A mesma força de impacto irresistível e tenacidade vitoriosa que voltam contra o mal a fim de exterminá-lo sem piedade, os sete Arcanjos sabem empregá-las para proteger, orientar e acalantar os bons. Enquanto os Anjos da Guarda soem ser designados para velar sobre homens particulares, os sete Arcanjos parecem custodiar uma realidade mística: as Igrejas do Apocalipse.

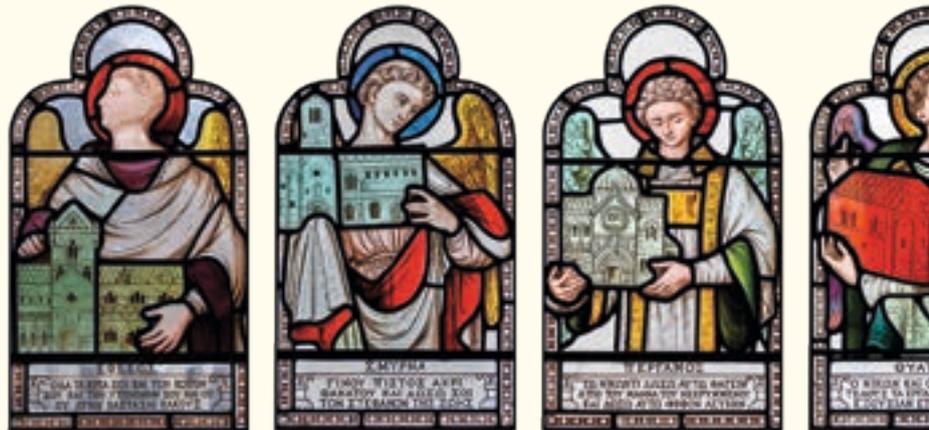
Sete famílias espirituais no Corpo Místico de Cristo

O misterioso escrito com o qual se encerra a Revelação é simplesmente apaixonante. Cada palavra, cada detalhe, cada gesto nele consignado é comparável a pedras preciosas em um enorme caleidoscópio: embora permaneçam sempre idênticas a si mesmas, elas como que se reorganizam e rearticulam, compondo quadros novos, com profundidades maravilhosas.

Logo no início da obra, São João narra que foi arrebatado e ouviu uma voz forte a lhe dizer: “O que vês, escreve-o num livro e manda-o às sete Igrejas” (1, 11). A própria formulação da frase já parece sugerir que ela contém um arcano sublime. Arcano este que adquire ainda mais encanto ao tomarmos contato com os poéticos nomes das comunidades: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Quem são esses conjuntos?

Antes de mais nada, os apelativos indicam cidades verdadeiras, que se encontravam na província provincial da Ásia, parte da atual Turquia. É legítimo admitir que o Apóstolo se dirigisse às comunidades cristãs de cada um desses locais. Entretanto, o que o levaria a eleger somente estas, quando na mesma região havia outras, e de maior importância? Julgar que o Espírito Santo dispôs o texto sagrado dessa forma simplesmente por “razões logísticas” de correio, como quiseram alguns,⁹ não seria atar suas divinas asas?

Certos autores preferiram optar por uma visão mais transcendente. São Boaventura e o Venerável Bartolomeu Holzhauser,¹⁰ por exemplo, interpretaram as Igrejas como sete fases da História da Igreja Universal, desde a sua fundação até o fim dos tempos.



Os sublimes guardiães que velam pelas Igrejas mencionadas no Apocalipse de São João bem podem ser os sete Arcanjos

Outra exegese particularmente interessante é a de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira,¹¹ o qual levantou a hipótese de essas Igrejas serem tribos ou famílias espirituais dentro do Corpo Místico de Cristo: tipos paradigmáticos de mentalidades católicas, dotados de atribuições diversas na luta, com seus lados bons e ruins.

Embora diversas, essas três formas de entender o carteio não se contradizem. Pelo contrário, diríamos mesmo que se completam. Trata-se de um tema fascinante, cheio de desdobramentos que fugiriam aos objetivos destas linhas, mas que – quem sabe? – poderiam ser matéria para outro artigo. De momento, basta guardar a visão de Dr. Plínio, pois ela nos permitirá avançar em nosso quebra-cabeças. Procuramos, agora, as peças que faltam.

Os Anjos das Igrejas

Outro ponto a considerar é o destinatário imediato das cartas. São João não escreve diretamente à comunidade inteira, mas sim a uma espécie de preceptor, como se lê em todas as missivas, cujas palavras iniciais são invariavelmente: “Ao Anjo da Igreja de...” Quem são esses personagens?

O assunto não resulta tão simples quanto julgaríamos à primeira vista. Para começar, embora pareça óbvio que o Apóstolo se dirige a Anjos – afinal, assim se lê –, a verdadeira identidade dos representantes das Igrejas é discutida desde os tempos antigos. Muitos autores preferem ver neles apenas os Bispos das comunidades, ou mesmo simples entes fictícios, empregados como artifício de retórica. Até hoje nenhuma hipó-

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.61, a.4.

² Cf. VACANT, Alfred; MANGENOT, Eugène; AMANN, Émile (Dir.). *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Letouzey et Ané, 1946, v.XV, c.1168.

³ Cf. ARNALDICH, OFM, Luís. *Bíblia comentada. Livros históricos*. 2.ed. Madrid: BAC, 1963, v.II, p.836-837.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.108, a.6. Não há con-

tradição no fato de eles serem Arcanjos e, ao mesmo tempo, Serafins. A sociedade angélica é demasiado elevada para nosso entendimento, a tal ponto que até Santo Agostinho e São Tomás reconhecem sua incapacidade de esquematisá-la com exatidão (cf. Idem, a.3; SANTO AGOSTINHO. *Enchiridion ad Laurentium*. L.I, c.58: PL 40, 259-260). De qualquer forma, parece mais provável que os coros se subdividam em razão das funções e atividades de-

sempenhadas por cada grupo de Anjos, não de sua essência; e nada impede que um Anjo pertencente a um determinado coro execute ações próprias a outros (cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., a.2; 5). Assim, um Serafim pode “abandonar” o convívio com Deus para, por exemplo, transmitir uma mensagem. Ora, como ensina São Gregório Magno, os espíritos celestes que se ocupam dos pequenos recados chamam-se *Anjos* – do grego ἄγγελος, mensageiro –,

enquanto os que transmitem as grandes mensagens denominam-se *Arcanjos* (cf. SÃO GREGÓRIO MAGNO. *Homélies sur l'Évangile*. Homélie 34, n.8: SC 522, 337-339). Isso explica a “dupla patente” dos sete entes angélicos supremos, que se inserem no coro dos Serafins, mas são conhecidos como Arcanjos por desempenharem altíssimas missões junto aos homens.

⁵ Cf. SÃO GREGÓRIO MAGNO, op. cit., n.8, 339.



Fotos: Nuno Moura

Da esquerda para a direita: Anjos da Igreja de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia - Castelo de Cardiff (Inglaterra)

tese se apresentou como definitiva e, para cada argumentos a favor, sói haver pelo menos dois ou três contra.¹² É o que levou Santo Agostinho a qualificar a questão de “*res obscurissima*”.¹³

À falta de unanimidade, sentimo-nos à vontade para escolher a opinião de Orígenes,¹⁴ que os interpreta como autênticos Anjos. Unamos esse dado à hipótese de Dr. Plínio: não parece reconfortante a ideia de que cada uma das sete famílias espirituais da Santa Igreja está sob a proteção de um poderoso ente angélico? Conforme pertencemos a uma ou outra, teremos um padroeiro que vela por nós com carinho todo especial e está disposto a auxiliar-nos em qualquer situação, desde que a ele recorramos.

Agora, surge o problema: que Anjos são esses?

Uma hipótese alentadora

O Apocalipse não afirma taxativamente que se tratem dos nossos já familiares sete Arcanjos; São João só se refere a estes de maneira explícita um pouco depois, no capítulo oitavo. Entretanto, parece curioso que, ao apresentá-los, ele se exprima como se fossem conhecidos.¹⁵ Haveria, então, uma referência anterior, ainda que implícita? Recorrendo a São Boaventura, talvez encontremos a resposta, junto com a última peça que falta para completar o mosaico.

Sete séries septenárias compõem o Apocalipse: são sete cartas, sete selos, sete trombetas, sete taças da ira de Deus, etc. (cf. Ap 2-3; 6-8, 1; 8, 2-11; 16).

Segundo o Doutor Seráfico,¹⁶ esses ciclos repetem o mesmo conteúdo de formas diferentes, numa harmonia perfeita.

É possível então conjecturar que os Anjos contemplados no capítulo oitavo se identifiquem com os que estão em todas as outras séries, apresentados, porém, sob outro ponto de vista. Assim, os sublimes guardiães que velam pelas Igrejas podem, perfeitamente, ser os sete Arcanjos.

Mais do que guardiães: aliados!

E por que negá-lo? A Escritura compara esses espíritos perfeítimos aos “olhos de Javé”, que esquadrinham toda a terra à maneira de uma companhia de sentinelas; designa-os, no texto hebraico, como os Anjos da face do Senhor, prontos a salvar o povo da Aliança em todas as suas tribulações (cf. Zc 4, 10; Is 63, 9).

Eles constituem muito mais do que simples guardas: são nossos companheiros na luta. A Providência concedeu-nos cerrar fileiras num só corpo de exército com seus principais combatentes. Em nossa guerra contra o poder das trevas – composta tanto dos grandes lances quanto das pequenas escaramuças do dia a dia –, podemos estar certos de que o auxílio deles está ao alcance de nossas mãos: basta juntá-las e rezar. ✧

⁶ Santo Alberto Magno e São Boaventura, por exemplo (cf. SERRANO, Andrés. *Los siete príncipes de los Ángeles*. 2.ed. Bruselas: Franciso Foppens, 1707, p.257).

⁷ Cf. GARCÍA CORDERO, OP, Maximiliano. *Biblia comentada. Libros proféticos*. Madrid: BAC, 1961, v.III, p.812.

⁸ Sobre a identificação desses personagens com os sete Arcanjos, ver: VACANT; MANGENOT; AMANN, op. cit., c.1169.

⁹ Cf. RAMSAY, William Mitchell. *The Letters to the Seven Churches of Asia*. London: Hodder and Stoughton, 1904, p.185-196.

¹⁰ Cf. SÃO BOAVENTURA. *Collationes in Hexameron*. Collatio XVI, n.18-20. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1947, p.479-481; VENERÁVEL BARTOLOMEU HOLZHAUSER. *Interprétation de l'Apocalypse*. 2.ed. Paris: Louis Vivès, 1857, v.I, p.101. Sobre o modo de São Boaventura relacionar o Apocalipse e a His-

tória, ver também: RATZINGER, Joseph. *La Teología de la Historia de San Buenaventura*. 2.ed. Madrid: Encuentro, 2010.

¹¹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio, apud CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.III, p.153, nota 29.

¹² Cf. BIGUZZI, Giancarlo. *Apocalisse*. 3.ed. Milano: Paoline, 2013, p.96.

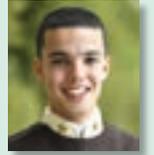
¹³ SANTO AGOSTINHO. *De doctrina christiana*. L.III, c.30, n.42. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1957, v.XV, p.240.

¹⁴ Cf. ORÍGENES. *Homélie sur Saint Luc*. Homélie 23, n.7: SC 87, 320.

¹⁵ Cf. BARTINA, SJ, Sebastián. *Apocalipsis de San Juan*. In: NICOLAU, SJ, Miguel et al. *La Sagrada Escritura. Nuevo Testamento*. Madrid: BAC, 1962, v.III, p.676-677.

¹⁶ Cf. SÃO BOAVENTURA, op. cit., n.20, p.481.

O protetor da Santa Igreja



✦ Lucas Rezende de Sousa

Gustavo Krahl



Sempre de zelo extremo na defesa da honra divina, São Miguel nunca deixa, igualmente, de proteger o Corpo Místico de Cristo, sobretudo nos momentos de maior perigo.

Era ainda o começo da criação, e os Anjos encontravam-se no estado de prova. Transbordando de amor para com estas obras de suas mãos, Deus decidira, conforme é opinião estendida entre teólogos de renome, revelar-lhes os planos que levava em seu coração: a Encarnação da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e a eleição de uma criatura humana perfeita como sua Mãe, a qual seria a Rainha não só dos homens, que ainda estavam por ser criados, mas de todo o universo, inclusive dos seres angélicos.

A sublime revelação constituiu um fator de divisão entre os puros espíritos: alguns a aceitaram, outros rejeitaram.¹ Os revoltosos eram capitaneados pelo maior dos Anjos: Lúcifer. Este, não querendo submeter-se a uma natureza inferior à sua, vociferou: “*Non serviam!* – Não servirei!” Suas palavras mal acabavam de ecoar pelos Céus, quando São Miguel respondeu à afronta com um brado mil vezes mais possante: “*Quis ut Deus?! – Quem é como Deus?!*” À voz do Príncipe da Milícia Celeste, os Anjos bons se congregaram sob seu comando para expulsar do Paraíso aqueles que ousaram alçar-se contra os desígnios do Criador. A vitória revelou-se estrondosa.

Teólogos ilustres, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino,²

situam esse grande confronto no primeiro dia criação, narrado no Gênesis: “Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas” (1, 4). Entretanto, basta continuarmos a leitura do Livro Sagrado para compreender que a guerra estava apenas começando...

Lúcifer e seus sequazes não se renderiam facilmente: eles queriam vingança e se serviriam do gênero humano – tão ligado à própria causa de sua revolta – para levá-la a cabo. Com efeito, a vitória não mais dependeria somente da força de ação dos espíritos angélicos, mas de como reagiria perante ela a fraqueza humana. E o ataque inicial infligido pelos anjos maus neste novo cenário traria como funesta consequência o pecado que acarretou a maldição para toda a humanidade.

No decorrer da História, as investidas do demônio contra a realização dos planos divinos não fizeram senão crescer. Tendo conquistado o consentimento de tantas almas às solicitações infernais, o inimigo se gabou dos vícios e pecados em que, por ele instigados, os homens se afundavam.

Durante todo este tempo, porém, São Miguel não ficou inerte.

Arcanjo de Israel... e do “Novo Israel”

Estava nas mãos desse “Grande Príncipe” (Dn 12, 1) a missão de

custodiar a nação eleita. Tão excelente patrono foi o sustento dos patriarcas, a inspiração dos profetas, a consolação dos justos, enfim, a defesa dos filhos de Israel. Que privilégio, até mesmo para um Anjo, ter o encargo de guardar o povo do qual nasceria Maria Santíssima e, d'Ela, o "Primogênito de toda a criação" (Col 1, 15)!

Sim, que privilégio e, perdoe-nos São Miguel, que desgosto... Como imaginar que da mesma nação eleita surgiriam os sicários do Messias? Pois o impensável se deu: o Anjo viu seu Senhor ser crucificado e morto por aqueles dos quais era o custódio. Neste auge de maldade, o Patrono de Israel ainda estava ali, inspirando dor e arrependimento àqueles corações empedernidos.

Fez-se a escuridão em pleno dia, houve terríveis tremores de terra, o véu do Templo se rasgou. Por que não ver também nesses acontecimentos, a indignação de São Miguel contra o infame pecado de deicídio? Tais calamidades pareciam um eco, nesta terra, daquele brado que ressoara na abóbada celeste e fizera temer os anjos revoltosos, precipitando no abismo o espírito outrora "portador da luz", Lúcifer. Com efeito, eram agora os judeus infiéis que, imitando a atitude do chefe dos demônios, clamavam: "Não servirei!" (Jr 2, 20). Assim como o anjo revoltado, as autoridades do povo deicida perderiam a honra de irradiar a luz da Divina Revelação ao mundo, e seriam lançadas nas trevas do erro, pois "um véu cobre-lhes o coração" (II Cor 3, 15).

No momento, porém, em que do lado aberto do Salvador jorrou sangue e água, nascia o povo da Eterna Aliança, o "Novo Israel", a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, da qual São Miguel se tornava o protetor.

Zeloso defensor da Santa Igreja

Hermas, personagem bastante singular, antigo escravo grego e irmão do Papa Pio I, escreveu uma das obras primevas da literatura cristã, chamada *O Pastor*.

Este livro muitíssimo apreciado – diríamos mesmo venerado – pelos fiéis dos primeiros tempos, está repleto de narrações de experiências místicas, numa das quais fica bem delineado o intimíssimo relacionamento entre São Miguel e a Santa Igreja ainda em seu nascedouro: "O Anjo grande e glorioso é Miguel, que detém o poder sobre este povo e que o governa. É ele quem dá a lei e a insere no coração dos que creem".³

Sem dúvida, o Corpo Místico de Cristo necessitava de um guardião possante para não abandonar a Lei Divina

O guardião do povo eleito tornou-se o protetor da Santa Igreja, intimamente unido a ela desde o seu nascedouro



São Miguel apresenta as almas a São Pedro, por Miguel Alcañiz - Museu de Belas Artes, Lyon (França); na página anterior, São Miguel, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

em face das batalhas que viriam. O demônio, levado por seu ódio implacável contra o Cristianismo, não perderia um instante e buscaria sufocá-lo logo em seus primeiros anos de vida.

Nas épocas antigas, a Igreja viu-se obrigada a se esconder nas catacumbas; ser cristão era considerado um crime abominável. Que o digam os romanos, os quais tinham por diversão lançar pessoas inocentes às feras ou condená-las às formas mais cruéis de suplício, enquanto uma assembleia febricitada se entretinha com o atroz espetáculo.

Imersa em tão terrível perseguição, era difícil crer que a Igreja resistiria por muito tempo... O demônio já estava quase cantando vitória, quando uma inesperada intervenção angélica veio frustrar os seus planos.

"Com este sinal vencerás!"

Corria o ano de 312. O trono do Império Romano vacilava entre dois homens: Constantino e Maxêncio. Embora ambos fossem pagãos, o primeiro deles nascera de uma mulher cristã: Santa Helena. Decidiu ele avançar contra Roma, a fim de tomá-la das mãos de seu rival.

Após vários dias de marcha forçada, seu pequeno exército de quarenta mil homens não estava nas condições mais favoráveis para iniciar combate contra um adversário numericamente muito superior.

Inseguro, o filho de Helena resolveu buscar o auxílio do alto: rezou ao Deus de sua mãe. Quando concluiu a oração, pôde divisar no céu uma imensa cruz luminosa, onde se lia esta frase em grego: "Com este sinal vencerás". Na noite seguinte, a visão se repetiu em sonho e Constantino, percebendo que se tratava de um acontecimento sobrenatural, ordenou que se fizesse um estan-

dar-te em forma de cruz para liderar as fileiras de seu exército.

A batalha se deu no dia 28 de outubro e, não obstante os maus prognósticos, Constantino esmagou as tropas de Maxêncio.

Um ano depois, em 313, como sinal de gratidão pela milagrosa vitória, o soberano assinava o Edito de Milão, através do qual punha fim às perseguições contra a Igreja e concedia liberdade de culto aos cristãos. Finalmente, a Religião verdadeira podia respirar um ar diferente daquele das catacumbas.

Contudo, foi somente em 314 que Constantino pôde compreender por inteiro a causa de seu êxito. Em sonho, apareceu-lhe um homem envolto em luz a lhe dizer: “Eu sou o Arcanjo Miguel, o comandante da milícia celeste, o protetor da fé dos cristãos. Era eu que, enquanto tu combatias contra os ímpios tiranos, tornava as tuas armas vitoriosas”.⁴

Uma Mulher vestida de sol

Haveria ainda inúmeros exemplos da infalível ação do Arcanjo ao longo da História, mas é impossível enumerá-los todos. Felizmente, o Espírito Santo nos concedeu um compêndio admirável a esse respeito, em uma cena descrita no Livro do Apocalipse.

No início do capítulo doze, São João relata uma visão grandiosa: aparece no firmamento uma Mulher vesti-



Francisco Lecaros

“Sou o comandante da milícia celeste, o protetor da fé dos cristãos. Era eu que, enquanto tu combatias, tornava as tuas armas vitoriosas”

da de sol, coroada com doze estrelas e tendo a lua sob os pés. Ela está grávida e geme em dores de parto. Surge então outro grande sinal: um Dragão, cor de fogo, que se põe em frente à Mulher, a fim de devorar seu filho logo que viesse à luz. Ela foge para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um refúgio. Imediatamente após essa descrição, o Apóstolo Virgem acrescenta: “Houve uma batalha no Céu. Miguel e seus Anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram. E já não houve lugar no Céu para eles” (12, 7-8).

Trata-se de cenas muito enigmáticas – como, aliás, todo o Livro do Apocalipse –, mas chama a atenção o fato de São João as ter narrado juntas. O Dragão que persegue a Mulher é o mesmo que foi derrotado por São Miguel, e a luta entre os dois se dá em função dela: aquele a ataca, este a defende.

Quem será esta Mulher misteriosa? A própria Virgem Maria? Muitos o afirmam; é uma aplicação tradicional e belíssima, mas não a única. Alguns Padres da Igreja e escritores eclesiais encontraram razões para acrescentar outra interpretação: a que identifica a Mulher com a Santa Igreja.⁵

Assim como Dama do Apocalipse foi perseguida pelo Dragão, a Igreja é atacada pelo demônio e seus asseclas. E, da mesma forma que São Miguel derrotou o monstro que ameaçava a Mulher, ele também se mostra de um



Reprodução

Batalha da Ponte Mílvia, por Giulio Romano - Museu de Arte Walters, Baltimore (Estados Unidos); acima, São Miguel esmaga o demônio - Igreja de São Miguel, Gante (Bélgica)



A queda dos anjos rebeldes, por Neri di Bicci -
Museu Boijmans Van Beuningen, Rotterdam (Países Baixos)

zelo extremo no que tange à proteção da Esposa Mística de Cristo, sobretudo nos momentos de maior perigo.

Vitória final de São Miguel

Quando será a última batalha? Como será esse dia feliz, em que o Dragão se verá definitivamente precipitado no abismo?

No que diz respeito ao *quando*, não há o que dizer; o futuro a Deus pertence... Mas sobre o *como*, muitas revelações privadas nos proporcionam alguma ideia.

A esse propósito, é assaz elucidativo o que afirma a Beata Ana Catarina Emmerick, grande mística do século XIX. Por entre os véus simbólicos de que a narração está repleta, podemos discernir alguns contornos do que será o embate derradeiro:

“Eu vi novamente a Igreja de São Pedro com sua grande cúpula. Sobre ela resplandecia o Arcanjo São Miguel, vestido de cor vermelha, tendo uma grande bandeira de combate nas mãos. A terra era um imenso campo de batalha. [...] A Igreja era de cor

*O glorioso Arcanjo
São Miguel, que
venceu o demônio no
“proelium magnum”
do Céu, proverá
também a vitória
final da Santa Igreja*

sangrenta, como a veste do Arcanjo. Ouvi que me diziam: ‘Terá um Batismo de sangue’. Quanto mais se prolongava o combate, mais se apagava a viva cor vermelha da Igreja, e ela se tornava mais transparente”.⁶

Quase três anos depois, Ana Catarina Emmerick anotarà uma nova revelação, na qual fornece mais detalhes sobre essa purificação da Igreja em plena refrega:

“Eu vi a Igreja de São Pedro totalmente destruída, exceto o coro e o altar-mor. São Miguel, armado e

cingido, desceu à igreja e com sua espada impediu que nela entrassem muitos maus pastores, e os impeliu até um ângulo escuro [...]. Tudo o que havia sido destruído na igreja foi reconstruído em poucos instantes, de sorte que se pudesse celebrar o culto divino. Vieram sacerdotes e leigos de todo o mundo trazendo pedras para reedificar os muros, já que os fundamentos não foram destruídos pelos demolidores”.⁷

Na época das perseguições romanas, os inimigos da Santa Igreja buscavam destruí-la pela força, pelas armas e pela perseguição aberta. Em nossos dias, porém, seus métodos parecem mais inteligentes: sabem que não podem matá-la e procuram, então, desfigurá-la tanto quanto consigam.

Mas ela nada tem a temer, pois a seu lado está aquele cuja simples presença enche de pavor os inimigos do Altíssimo. O Arcanjo São Miguel, que venceu o demônio no *proelium magnum* do Céu e soube derrotá-lo incontáveis vezes na terra, proverá também a vitória final. ✧

¹ Cf. MAYNARD, Michel-Ulyse. *La Sainte Vierge*. Paris: Firmin-Didot, 1877, p.352.

² Cf. SANTO AGOSTINHO. *De civitate Dei*. L.XI, c.19. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1958, t.XVI, p.746; SÃO TOMÁS

DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.63, a.5, ad 2.

³ HERMAS. *Le Pasteur*, c.69, n.3: SC 53, 266-269.

⁴ BERNET, Anne. *Enquête sur les Anges*. Paris: Perrin, 1997, p.137. Talvez seja este o motivo que levou o imperador a

edificar, em Constantinopla, o mais antigo santuário dedicado a São Miguel, além de consagrar todo o império ao Arcanjo.

⁵ Cf. BARTINA, SJ, Sebastián. *Apocalipsis de San Juan*. In: NICOLAU, SJ, Miguel et al. *La Sagrada Escritura. Nuevo*

Testamento. Madrid: BAC, 1962, v.III, p.711-713.

⁶ BEATA ANA CATARINA EMMERICK. *Visiones y revelaciones completas*. Quito-Miami: Jesús de la Misericordia; FVT, 2011, v.III, p.611.

⁷ Idem, p.615.

SÃO GABRIEL ARCANJO

O arquétipo dos devotos de Maria

Embaixador de Deus junto a Maria Santíssima, São Gabriel atingiu o ápice do enlevo por Ela e, da eternidade, zela para que as almas sejam atraídas à sua maternal proteção.



✦ Carolina Amorim Zandoná

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1, 1-2). A mais prodigiosa inteligência não seria capaz de cogitar com quanta sabedoria, magnificência e esmero o Senhor começou a trazer à luz da existência as suas obras admiráveis.

Com efeito, seria descabido pensar que Ele dispôs suas criaturas irrefletidamente pelo universo, como quem retira objetos de um baú... A Providência Divina tudo arranjou com harmoniosíssima hierarquia, tomando como Arquétipo e Pedra Angular dessa construção a sua obra mais perfeita: Nosso Senhor Jesus Cristo. Em ordem lógica – mas não cronológica, pois para Deus tudo é presente – “n’Ele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades:

tudo foi criado por Ele e para Ele” (Col 1, 16).

Sendo assim, bem se pode imaginar com que extremos de desvelo o Divino Artífice providenciou cada um dos detalhes que cercariam a Encarnação de seu Unigênito! Para dar à luz o seu Filho, o Padre Eterno elegeu a melhor de todas as mães; e para protegê-Lo, o mais santo de todos os pais. Para que Ele redimisse o mundo, escolheu a plenitude dos tempos; e para anunciar à Santíssima Virgem e, através d’Ela, à História inteira, a augustíssima notícia desse nascimento, enviou, sem sombra de dúvida, o mais sublime mensageiro: o Arcanjo São Gabriel.

Premiado por seu amor e submissão

Reza a Teologia que os espíritos celestes receberam de Deus uma revelação misteriosa a respeito do plano da criação, cuja aceitação ou rejeição os dividiu e determinou uma grande batalha do Céu, na qual foram

lançados ao inferno os anjos revoltosos (cf. Ap 12, 7-9).

Alguns autores afirmam que, nessa prova dos Anjos, “Deus lhes deu uma noção prévia da Encarnação, e lhes pediu que adorassem o Homem-Deus. Entretanto, o Verbo Divino lhes teria sido apresentado, não em toda a sua glória e poder, e sim envolto nos humanos véus da pobreza, do sofrimento e da humilhação. Outra corrente teológica, com apoio de numerosos Santos e Doutores, afirma não ter sido essa a única prova. Acrescentam à adoração de Cristo a aceitação de Maria Santíssima como Mãe de Deus e Rainha dos Anjos e de todo o universo”.¹ A cada ato de submissão aos desígnios do Altíssimo, os espíritos fiéis contemplavam um novo aspecto de suas missões, até que, de claridade em claridade, atingiram o auge do esplendor para o qual haviam sido criados.

No grande combate celeste, São Gabriel certamente brilhou como ne-

nhum outro por seu amor entusiasmado e incondicional à revelação sobre Nossa Senhora, pois recebeu como prêmio um encargo de incomparável importância em relação a Ela: deveria representar o próprio Deus junto a Rainha do universo – por conseguinte, também sua Soberana – e rogar-Lhe o consentimento em ser Mãe do Messias. “Revelar Maria a Maria, prestar-lhe, portanto, este serviço insigne, é um ato de suprema nobreza, que estabeleceu um vínculo todo especial entre o Arcanjo e Nossa Senhora. Ele se tornou uma espécie de profeta, que indicou à Santíssima Virgem como seria toda a sua vida e missão”²

Íntimo convívio com a Rainha dos Anjos

Enquanto todos os Anjos se perguntavam “*Quæ est ista?*” (Ct 6, 10), São Gabriel conhecia o plano de Deus a respeito de Nossa Senhora e guardava um desejo extasiante de entrar em contato com Ela para manifestar-Lhe, de alguma forma, esse amor divino que pairava sobre sua pessoa e que ele, nos primórdios da Criação, contemplara.

Além disso, a missão do Arcanjo exigia-lhe conviver com Maria desde os primeiros momentos de sua existência. Era necessário que ele analisasse suas atitudes, seu modo de pensar, seus movimentos interiores, para que, chegada a grande hora de representar o Divino Espírito Santo junto à sua Esposa, pudesse apresentar a mensagem de forma bela, atraente e santamente diplomática, de maneira a mover o Coração de Maria, em sua humildade perfeitíssima, a dizer “sim”. Entre ambos, pois, deve ter se estabelecido um relacionamento à maneira daquele que o Anjo da Guarda possui com o seu custodiado.³

Podemos imaginá-lo no nascimento de Nossa Senhora, tomando-A em seus braços, cobrindo-A com suas asas e demonstrando-Lhe o

desvelo de um verdadeiro pai; desvelo este que deve ter se manifestado, sobretudo, no período em que Ela esteve no Templo sem a presença de seus progenitores, São Joaquim e Sant’Ana. Também nos momentos em que a Virgem, por ser uma criatura sublimíssima, via-Se rejeitada por aqueles que A circundavam, ou quando Se sentia inexplicável a Si mesma por não compreender a própria grandeza, São Gabriel deve ter se feito presente junto a Ela, iluminando-A e confortando-A.

Em suma, o Arcanjo foi para Nossa Senhora a própria presença de Deus e de seu infinito amor por Ela.

De outra parte, ao mesmo tempo que nutria esse afeto protetor por Maria, pelo fato de possuir uma natureza superior, ele Lhe devotava um amor filial, pois fora por meio da Mãe e Medianeira da Divina Graça que havia recebido, *ante prevista merita*, o dom de ser fiel em suas provas. Por esta razão, além de ser sua Rainha, a Santíssima Virgem era também a Mãe que Lhe concedera participar da vida divina.

Receptáculo do “fiat” que mudou a História...

Chegado o augusto momento da Anunciação, após vários anos de íntimo e elevado convívio, São Gabriel já discernia a dificuldade que Maria apresentaria ao convite divino: seu voto de virgindade. “Como se fará isso se não conheço homem algum?” (Lc 1, 34), foi sua resposta. Compreende-se que, para confortar a Virgem das virgens nesse instante crucial, o embaixador celeste deveria ser o Arcanjo virginal e casto por excelência! Apenas assim suas palavras tocariam a fundo a alma de sua interlocutora.

São Gabriel esclareceu suas dúvidas a respeito do grandioso panorama que se descortinava, tratou com profundidade sobre a Redenção do gênero humano, discorreu sobre os milênios de preparação para aquele grandioso



Rufus56 (CC by-sa 3.0)

São Gabriel recebeu como prêmio o encargo de representar o próprio Deus junto à Rainha do universo

São Gabriel - Igreja de Santa Margarida, Munique (Alemanha); na página anterior, “Anunciação”, por Fra Angélico - Museu do Prado, Madri

dia e sobre os excelentes frutos que daí decorreriam no futuro. E, decerto, não deixou de preveni-La em relação aos atroz sofrimentos que aguardavam seu Divino Filho, para os quais necessitava não só de seu consentimento, mas também de sua participação.

Enquanto Nossa Senhora refletia, encantada com a sabedoria de Deus revelada pelo celeste Arcanjo, o Céu e a História aguardavam seu assentimento. “O destino da humanidade inteira dependia da resposta de uma donzela. O Salvador estava, por assim dizer, batendo às portas”.⁴ Afinal, Maria consentiu: “Eis aqui a Serva do Senhor. Faça-se em Mim segundo a

tua palavra” (Lc 1, 38). Com que extremos de veneração São Gabriel deve ter recolhido tal afirmação! Retirando-se, então, como receptáculo cristalino do *fiat* da Santíssima Virgem, foi ele apresentar-se ante o trono da Trindade.

...e das dores que corredimiram a humanidade

A Anunciação constituiu, provavelmente, o ápice da missão de São Gabriel, mas não foi sua última atuação junto a Nossa Senhora. Como sabemos, são os Anjos que apresentam nossas orações a Deus e são eles também que nos custodiam no caminho rumo à eternidade. Portanto, mesmo depois de concretizada a Encarnação, São Gabriel “deve ter continuado seu ministério marial, servindo de intermediário entre Deus e a Virgem Santíssima”.⁵

Podemos imaginá-lo transido de enlevo e veneração contemplando o convívio entre Maria e o pequenino Jesus. Ele, que imitava sua Senhora analisando todos os fatos e guardando-os em seu coração (cf. Lc 2, 19), recolhia cuidadosamente cada ato de amor, de carinho e de respeito que tinha a dádiva de presenciar.

Em sua dedicação infatigável, como terá agido São Gabriel durante o momento mais temido e decisivo da vida de sua custodiada, a Paixão? Parece lícito pensar que, naquelas horas de indizível sofrimento, ele procurou mais do que nunca apoiá-La, confortá-La e protegê-La.

De fato, se não fosse por um especial cuidado angélico, seria de admirar que, em meio ao caos violento e satânico que envolveu a tra-

gédia da Crucifixão, ninguém tenha atentado contra a integridade física de Nossa Senhora. Não desejando permitir, de nenhuma maneira, que sua Mãe amantíssima fosse sequer tocada pelos poderes infernais, Jesus quis que esse poderoso Arcanjo estivesse constantemente ao lado d’Ela, como invencível defensor.

Contudo, “pelo discernimento da imaculada alma de Maria que a Santíssima Trindade lhe concedera, o Arcanjo bem sabia que, apesar de lutar para protegê-La dos ataques externos, não conseguiria evitar-Lhe os padecimentos interiores provindos de sua relação direta com Deus”.⁶ Ele foi, então, o receptáculo não apenas de seu *fiat*, mas também de suas incomparáveis dores morais, de suas lágrimas e de seus gemidos, a apresentá-los ao Pai qual sacrifício de agradável perfume, e ao aflitíssimo Coração de Jesus qual suave consolação.

Não se sabe quanto terá sido penoso para São Gabriel, naquelas au-

gustas horas, ver sua amada Rainha sofrer tanto. Tudo leva a crer que, “se um Anjo chorasse, não haveria oceano capaz de conter suas lágrimas...”⁷ Paradoxalmente, porém, ele hauria suas forças da própria determinação, equilíbrio e seriedade que emanavam de Nossa Senhora.

Propugnador da devoção a Maria

Durante toda a trajetória terrena da Santíssima Virgem, São Gabriel esteve ao seu lado, estuante de entusiasmo, amor e veneração. E, se é verdade que o amor torna o amante semelhante ao amado, a conformidade de espírito e de mentalidade que esse sublime Arcanjo adquiriu com Ela terá sido, seguramente, ímpar em toda a História.

No entanto, sua imensa ação marial não terminou com a entrada de Nossa Senhora na glória celeste: sua missão continua junto a cada fiel cristão! Deseja ele, com ardor, nos conduzir a Maria e derramar sobre nós graças especiais, conquistadas por seu Imaculado Coração.

Se quisermos possuir uma verdadeira devoção à Santíssima Virgem, peça-mos o auxílio e a intercessão de São Gabriel. Ele, com afetuosa solicitude, não tardará em nos elevar e unir a Ela, tornando-nos almas verdadeiramente marianas.

Deixemo-nos encantar pelo amor desse excelso espírito celeste e envolver por sua puríssima presença. Sob suas asas protetoras, não nos equivocaremos no caminho da perfeição, o qual para nós, católicos, chama-se: Maria! ✧



São Gabriel foi o receptáculo não apenas de seu “fiat”, mas também de suas dores morais, lágrimas e gemidos, a fim de apresentá-los ao Pai

Virgem e Anjo da Anunciação, por Nardo di Cione - Coleção Alana, Newark (Estados Unidos)

¹ MORAZZANI ARRÁIZ, EP, Pedro Rafael (Org.). *A criação e os Anjos*. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2015, p.147.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Confissão*. São Paulo, 24/3/1972.

³ Cf. MORAZZANI ARRÁIZ, op. cit., p.184.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit.

⁵ MORAZZANI ARRÁIZ, op. cit., p.184.

⁶ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.II, p.460-461.

⁷ Idem, p.461.

A benignidade divina personificada num Anjo

A encantadora história de Tobias nos mostra que há um Arcanjo, digno representante da maternalidade e da providência divinas, cuja proteção está sempre ao nosso alcance e que muito deseja conviver conosco.



✦ **Bianca Maria dos Santos Damião**



Ivano Gavilanes

Uma das características marcantes da sociedade moderna é reduzir a um aviltante anonimato cidadãos supostamente livres, que não passam de peças ou meros números de um Estado inflacionado. Desde o despertar da razão, sentimo-nos apenas mais um elemento desconhecido em meio a milhões de outros iguais a nós, dentre os quais, se quisermos nos destacar, precisamos empregar árduos e perseverantes esforços.

Ora, diante da corte dos príncipes e governadores de Deus, os Anjos, acontece o contrário! Incomparavelmente superiores em nobreza e poder a qualquer potestade terrena, eles, entretanto, consideram e amam cada um de nós em particular, e se interessam por todos os nossos atos, à semelhança d'Aquele que, “do alto de sua morada, observa todos os habitantes da terra [...] e está atento a cada uma de suas ações” (Sl 32, 14-15). E eles não apenas nos estimam, como também se apressam em nos socorrer e auxiliar durante nossas lutas nesta

terra, ansiosos por nos verem atingir o fim do caminho da santidade e gozar, em sua companhia, da eterna bem-aventurança.

Um dos exemplos mais comoventes desse zelo da sociedade angélica pelos homens deu-nos, já no Antigo Testamento, o grande Arcanjo São Rafael, arquétipo de pureza, conselheiro cheio de prudência e protetor benevolente da família de Tobit, assim como de todos aqueles que, peregrinando neste vale de lágrimas, a ele recorram com confiança.

Ardentes preces dirigidas a Deus

A história de Tobit e de sua futura nora Sara é narrada com luxo de detalhes no Livro de Tobias. Ambos eram muito virtuosos e brilhavam na presença de Deus em meio à escuridão pecaminosa do povo eleito, então cativo na Assíria. Em determinado momento, porém, o Senhor decidiu prová-los “para que a sua paciência [...] servisse de exemplo à posteridade” (2, 12). Enviou a Tobit uma completa cegueira, e a Sara, um espírito

maligno com o poder de matar todos os varões que com ela se casavam.

Ora, ainda que a vida dos justos esteja repleta de provações, é Deus mesmo quem os sustenta: “O Senhor vela pela vida dos íntegros, e a herança deles será eterna. Não serão confundidos no tempo da desgraça e nos dias de fome serão saciados” (Sl 36, 18-19). Por isso, logo que as lágrimas e os gemidos dessas duas almas se elevaram da terra em fervorosas súplicas, precisamente no mesmo dia, foram elas ouvidas diante da glória do Altíssimo (cf. Tb 3, 24). E então começou a nossa história.

O Anjo do Senhor foi enviado

Julgando que não mais veria a luz e que em breve a morte o colheria, Tobit tomou-se de preocupação pelo sustento de sua família. Lembrou-se de um empréstimo de dez talentos de prata que fizera havia alguns anos a Gabael, habitante de Ragés, na Média, e decidiu pedir contas desse favor. Chamou seu filho, Tobias, e rogou-lhe que empreendesse a arriscada, mas

necessária viagem, procurando antes um homem de confiança que pudesse acompanhá-lo.

Do alto do Céu, todavia, alguém já velava por ele. Revestido com aspecto humano, a poucos passos de distância e já equipado para viajar, estava à sua espera “um Anjo de serenidade sobrenatural, [...] cheio de misericórdia, de um atendimento pronto e meigo a todos os pedidos, compreensível [...] e de grande discernimento”.¹ Rafael, um dos sete espíritos que assistem sempre na presença do Senhor (cf. Tb 12, 15), sob a aparência de Azarias, filho de Ananias, descera do conspecto de Deus para solucionar as angústias de Tobit e enxugar as lágrimas de Sara.

Sacralidade e desvelo maternal

Esse sublime embaixador do Céu encarregou-se de guiar e custodiar Tobias até a Média. Que misteriosas lições deve ter aprendido o virtuoso jovem durante o longo percurso que fizeram juntos! A presença do Arcanjo, embora em nada ferisse a normalidade das aparências humanas, possuía algo de indefinível. Seu estado de espírito era sempre de uma contínua contemplação. Tratando com Tobias

sobre os assuntos da viagem, fazia-o como se estivessem conversando dentro de um santuário, com muito respeito, nobreza e sacralidade.

Também a benignidade brilhava em São Rafael. Ele não se contentou em proteger Tobias, mas ocupou-se até mesmo de suas necessidades materiais. Dir-se-ia que uma criatura tão santa e de natureza tão superior não se importaria com esses pequenos detalhes da vida humana; o Arcanjo, no entanto, levou seu cuidado ao extremo de providenciar-lhe alimentação e hospedagem: ensinou-o a tomar pelas guelras o peixe, a princípio ameaçador, cuja carne poderia servir-lhe de alimento, e o coração, o fel e o fígado

O sublime embaixador do Céu encarregou-se de guiar e custodiar Tobias, zelando por todas as suas necessidades

do como “remédios muito eficazes” (Tb 6, 5), e encaminhou-o a repousar em casa de Raguel, pai de Sara.

São Rafael revelou-se, nessas circunstâncias, um digníssimo representante da majestosa maternalidade e providência divinas.

Patrono da castidade

Chegados à casa de Raguel, iniciou-se o atendimento às preces de Sara e a intervenção de Deus em suas aflições. Aquela estadia aparentemente fortuita fora promovida pela Providência: São Rafael faria valer junto à jovem sua ação cheia de afeto e sabedoria.

Pouco antes de se apresentarem à família, o Arcanjo havia explicado a Tobias quem eram esses seus parentes e o motivo da provação de Sara, a respeito da qual já tivera notícia. Insistiu com ele, em seguida, para que aceitasse tomá-la como esposa, pois estava destinado a isso por Deus, e acrescentou que o demônio pudera matar os sete maridos que dela se aproximaram porque o haviam feito banindo Deus de seus corações e entregando-se à paixão. Por fim, indicou: “Tu, porém, quando te casares e entrares na câmara nupcial, viverás com ela em castida-

de durante três dias, e não vos ocupareis de outra coisa senão de orar juntos. Na primeira noite, queimará o fígado do peixe, e será posto em fuga o demônio. Na segunda noite, serás admitido na sociedade dos santos patriarcas. Na terceira noite, receberás a bênção que vos dará filhos cheios de saúde. Passada esta terceira noite, aproximar-te-ás da jovem no temor ao Senhor, mais com o desejo de ter filhos que pelo ímpeto da paixão. Obterás, assim, para os teus filhos a bênção prometida à raça de Abraão” (Tb 6, 18-22).

Ao dizer essas palavras transbordantes de castidade, o Santo Arcanjo denotava, sem diminuir em benevolência, sua intransigência



Cenas da história de Tobias, por Bicci di Lorenzo - Museu Kunsthistorisches, Viena; na página anterior, São Rafael Arcanjo - Coleção particular

Reprodução

vigilante contra o vício da impureza, do qual é sem dúvida ardoroso combatente. Afinal de contas, havia sido enviado por Deus à terra para promover o matrimônio legítimo entre Tobias e Sara e livrá-la de Asmodeu, demônio da luxúria e assassino de seus sete primeiros maridos.

Tobias, que era justo, sentiu-se confortado ao notar o amor à pureza em seu companheiro e obedeceu-o, pedindo Sara em casamento. Uma vez oficializada a união conjugal, com profunda emoção de toda a família, e cumpridas por Tobias todas as indicações a respeito do fígado do peixe, São Rafael pôde afinal prender o espírito impuro no deserto. Solucionou-se assim o terrível impasse de Sara; sua dor cedeu lugar à alegria, e sua perplexidade, à compreensão da grande predileção com que o Senhor a amava.

Cura e consolação dos justos

Por sua vez, Tobit ainda padecia sob o peso da cegueira, acrescido pela incerteza sobre o paradeiro de seu filho único. Sua infinda paciência e confiança inabalável, entretanto, encantavam a Deus e seriam em breve premiadas com surpreendente prodigalidade, por intermédio do Arcanjo.

Com vários dias de atraso, apesar de ter se adiantado à lenta comitiva de sua esposa no caminho de volta, Tobias chegou à casa dos pais acompanhado por seu extremoso companheiro. Este, desejoso de aliviar o mais cedo possível o sofrimento de Tobit, recomendou: “Logo que entrares em tua casa, adorarás o Senhor teu Deus e dar-Lhe-ás graças. Irás em seguida beijar teu pai, e por-lhe-ás imediatamente nos olhos o fel do peixe que tens contigo. Sabe que seus olhos se abrirão instantaneamente e que teu pai verá a luz do céu. E vendo-te, ficará cheio de alegria” (Tb 11, 7-8). Era mais um comovente desvelo de São Rafael, que bem pode ser invocado



Tobit abençoa Tobias, por Angelo Puccinelli - Museu de Arte Philbrook, Tulsa (Estados Unidos)

São Rafael pode ser invocado como o Anjo da consolação e da cura em quaisquer enfermidades, sejam elas corporais ou espirituais

como o Arcanjo da consolação e da cura em quaisquer enfermidades, corporais ou espirituais.

Concretizadas aquelas orientações, Tobit voltou a enxergar e, tal como havia acontecido à Sara, seu doloroso pranto mudou-se em lágrimas de exultação. Pouco depois, sua alegria ultrapassou os limites do imaginável ao saber que seu querido filho, além de ter recuperado o valor do empréstimo de Gabael, havia também desposado uma virgem de sua tribo e que ela haveria de chegar dentro de alguns dias, acompanhada de seus servos e de um rico dote.

A Tobit e Tobias faltava apenas contemplar uma última surpresa, talvez a mais alentadora: a verda-

deira identidade daquele inigualável guia, promotor de tanta felicidade. Com despreensão e discrição, ele se revelou antes de partir: “Sou o Anjo Rafael, um dos sete que assistimos na presença do Senhor” (Tb 12, 15). Pai e filho compreenderam, então, que o auxílio divino em suas vidas tinha um nome: São Rafael! E durante três horas permaneceram prostrados por terra, bendizendo e louvando ao Senhor.

Ele quer conviver conosco!

No seio da modesta família de Tobit, pequeno baluarte de fidelidade em meio à corrupção do mundo, deu-se um acontecimento magnífico: um dos mais elevados Anjos do Céu fez-se íntimo dos homens! Ora, não pensemos ser este um caso excepcional. Pelo contrário, vejamos nessa encantadora história uma garantia de que a proteção de São Rafael está ao nosso alcance, constantemente, e de que ele deseja conviver conosco. Basta que o invoquemos com fé!

Sob seu amparo, por piores que sejam as crises e moléstias, podemos estar certos de que existirá uma solução; haverá sempre da parte dele a disposição de nos acolher e resolver os nossos problemas. Em suma, sua existência deve nos alentar na confiança de que a intervenção divina antecede as nossas iniciativas e invariavelmente supera as nossas expectativas.

Recorramos, pois, ao afetuoso socorro do Arcanjo São Rafael a cada passo de nossa caminhada rumo ao Paraíso Celeste. Como a Tobias, ele nos acompanhará e será, junto a nós, um reflexo da infinita bondade do Sagrado Coração de Jesus, firme na doçura e doce na firmeza até o fim! ✧

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 16/1/1981.

A inter-relação entre os três Arcanjos

São Miguel, São Gabriel e São Rafael possuem títulos de primazia próprios, os quais se completam mutuamente e favorecem sua ação junto aos homens.



↳ Plínio Corrêa de Oliveira

Podemos nos perguntar que relação existe entre as tarefas dos três Arcanjos: São Miguel, São Gabriel e São Rafael.

Parece que eles constituem uma espécie de circuito fechado, uma totalidade, à maneira de uma trindade. Como essa “trindade” se prende ao conjunto do mundo angélico? Tanto mais que, para calcular a missão e a

importância de cada um, entram duas ordens de valores distintas: uma é o que eles são por natureza; outra é a conduta deles durante a prova, porque, sem dúvida, os três agiram de modo perfeito naquela ocasião.

Mas a perfeição tem graus e vê-se, por exemplo, que São Miguel foi superexímio na prova. Comentaram-me que São Luís Maria Grignon de Montfort afirma ter sido ele quem manifestou mais amor a Nossa Senhora e, por isso, foi o mais combativo. Trata-se de uma primazia por causa da atitude durante a prova,

o que é diferente do primado por natureza.

Vamos tratar aqui apenas das relações de natureza a natureza, sem considerar a primazia efetiva como ela existe no Céu, posta a reação durante a prova. Devemos analisar o que os três Arcanjos fazem e como agem, para assim entender como se completam na tríade.

São Gabriel: conhecimento amoroso

São Gabriel é aquele que comunica o conhecimento de Deus, e daí se entende o papel dele na Encarnação. São Rafael ajuda os homens nas dificuldades da vida, e São Miguel os auxilia na luta. Que relação existe, então, entre as formas de ser desses Anjos?

O conhecimento de São Gabriel é, evidentemente, todo amoroso; não se trata de um puro conhecimento abstrativo, teórico, doutrinário.

Deve-se notar que o conhecimento do homem a respeito de determinado ponto se completa inteiramente quando ele é capaz de formular em palavras ou exprimir de alguma outra forma aquilo que tem na mente. Enquanto não houver essa representação, o conhecimento não estará acabado e,

Duas ordens de valor concorrem para conhecermos o papel de cada Arcanjo: o que eles são por natureza e como foi sua conduta na prova

Arcanjo São Gabriel, por Bicci di Lorenzo - Coleção Santa Maria Assunta, Stia (Itália)



Saiko (CC by-sa 3.0)



Lawrence Lew

São Rafael, São Gabriel e São Miguel - Convento de São Domingos, Stone (Inglaterra)

portanto, o ato de amor também não estará completo.

Ademais, é só depois de o indivíduo ter completado o conhecimento essencial de algo que ele delibera agir, enfrentando as maiores dificuldades e consagrando a sua vida àquilo. Quer dizer, a consagração do trabalho e da vida constitui uma espécie de deliberação que provém de um conhecimento já atuante, executivo, que é o termo final do conhecimento.

Por fim, ninguém conhece inteiramente algo se não compreende por contraste. Não notar o contraste, quando ele existe, revela uma grande falta de conhecimento.

Há, portanto, um conhecimento especulativo e amoroso que convida à ação, e um conhecimento que convoca à luta. O primeiro não convida à mera especulação, mas também a expressar o que se sente. Trata-se de uma contemplação da qual emana o verbo, de uma conscientização que adquire sua luz ao explicitar. Portanto, a exclamação é própria ao conhecimento inteiramente feito, ao amor completamente adquirido, que floresce no cântico de louvor desinteressado.

Então poderíamos dizer que os três Arcanjos formam, na ordem

É preciso analisar o que cada um dos Arcanjos faz e como atua, para assim poder entender como eles se completam na tríade

especulativa, três maneiras de ação, sendo que esta se manifesta pouco naquele que é maior na ordem especulativa, e a especulação se apresenta menor naqueles que estão postos na ordem ativa. Há uma espécie de relação inversa, como Maria e Marta.

São Miguel: luta, oblação e holocausto

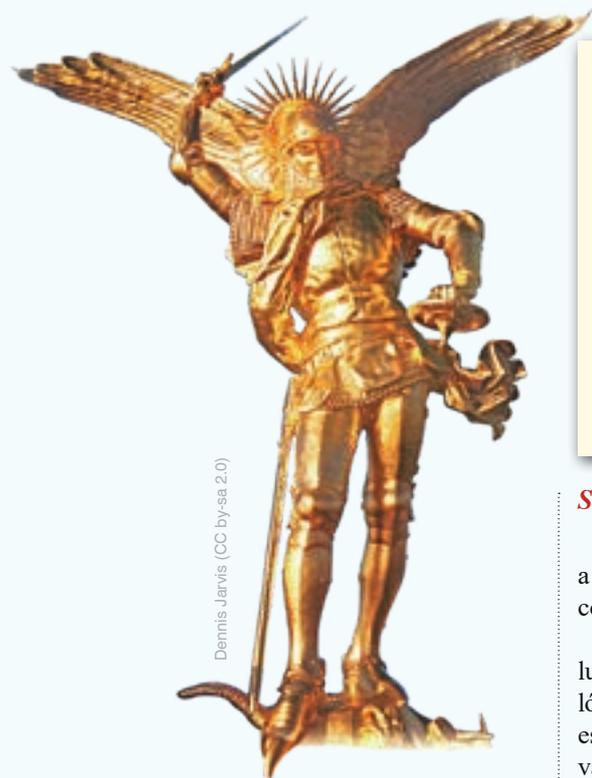
Alguém poderia julgar que estou preparando o terreno para apresentar a figura de um triângulo equilátero, no qual o ângulo de cima representaria São Gabriel, e os dois de baixo, em igual posição, São Rafael e São Miguel.

Mas isso não é verdade pois, conforme o ângulo de que se olhe,

trata-se de um triângulo equilátero no qual qualquer um dos três Arcanjos pode ocupar a ponta superior sem desequilibrar o polígono, o que parece claro sobretudo em relação a São Miguel. Por quê? Porque o empenho da luta acarreta algo meio destrutivo para aquele que combate. Mesmo quando o indivíduo não morre na luta, ou quando o desenvolvimento normal desta não resulta na morte, combater implica fazer um esforço completamente superior ao desgaste normal do organismo; de si é desgastante, tem qualquer coisa de oblação.

Consideremos o exemplo de um homem que seja obrigado a trazer para um jardim zoológico uma onça na qual puseram focinheira. Ele não vai ser abocanhado pela onça, mas se aproxima para ser golpeado e golpear, e tem de fazer uma tal força para levar o animal, que é considerado um lutador. Esse homem recebe uma glória especial por causa de um quê de imolação existente naquele ato.

Ora, Nosso Senhor disse que a imolação constitui a maior prova de amor: ninguém pode amar mais a outrem do que lhe dando a vida



Dennis Jarvis (CC by-sa 2.0)

São Miguel - Mont Saint-Michel (França)

São Gabriel traça a atuação metafísica; a São Rafael cabe a função diretiva; e a tarefa de repelir os demônios é missão de São Miguel

São Rafael: ação pensante

Acontece que entra nesse quadro a ação. Esta parece muito inferior à contemplação e à luta, à oblação.

Pode-se até dizer que a ação é uma luta. Nesse sentido, quando um datilógrafo da Prefeitura sai de casa e a esposa lhe pergunta: “Para onde você vai?”, ele responde: “Vou para a luta”. Entretanto, tal uso se explica em vista de uma concepção muito material da ação.

Em relação ao próprio São Rafael, fica-nos na mente, ao menos a mim, o desenho – aliás, encantador e bobinho – que ilustrava minha História Sagrada: o Arcanjo andando a pé com um bastão do qual pendia uma espécie de moringa, e conversando animadamente com Tobias. Ele seria, assim, o Anjo que anda, que transpõe distâncias.

Essa não é a verdade inteira. São Rafael manifestou uma sabedoria ativa superior, que ajudou Tobias a ver o que de fato ele devia querer na viagem, deu-lhe força e ânimo – esse é o sentido da companhia –, bem como lhe proporcionou os meios para chegar a seu destino. Os aspectos materiais da viagem – andar a pé, fazer com que o boneco que ele fabricou, e que Tobias tomava como um homem, falasse –, não representavam nada para o Arcanjo.

Compreendemos então que, para se falar em São Rafael como o Arcanjo da ação, devemos escolher os mais

altos graus e padrões da ação. Quer dizer, muito mais do que a ação operacional completamente ativa, trata-se da ação pensante. Para recorrer a um exemplo corrente, podemos ilustrá-la com aquela frase atribuída sob diversas formas ao Marechal Foch: “*Ma droite est pressée, ma gauche est menacée, ma arrière est coupée... Que fais-je? J'attaque*”.¹ Isso é magnífico! Ou seja: “Estou num apuro total. Vou atacar!” Dir-se-ia ser uma ação “rafaélica”, nesse sentido da palavra, que mostra o pensamento sobre a ação, uma alta categoria de ação.

O papel de cada Arcanjo junto aos homens

Desse modo a arte de governar, de dirigir profeticamente a ação, estaria com São Rafael; a São Miguel corresponderia o profetismo na luta e no holocausto, e não na vida comum; e o reinar caberia a São Rafael. Aí se compreende a beleza da distinção entre as várias missões.

São Gabriel é o profeta que inspira o rei; ele traça a atuação metafísica. Quem dá a “metapolítica” – entendida como o aspecto mais alto da função diretiva – é São Rafael. Quem proporciona a “metaluta”, com a tarefa especial de repelir os demônios, é São Miguel.

Enquanto contrarrevolucionários, qual o papel dos três Arcanjos?

Eu diria que São Gabriel insufla o espírito verdadeiramente contrarrevolucionário, com todo o ideal do Reino de Maria, com o desejo e a concepção das coisas altíssimas, de tal maneira que ele nos dá uma ideia dos lineamentos fundamentais de como uma ordem humana deveria ser.

A partir dessa ordem suprema, quais são os modos executivos de organizá-la? Quais são os meios de levá-la a efetivar-se? Quem os indica é São Rafael.

E lutar contra os adversários que a isso se opõem é a missão de São Miguel.

(cf. Jo 15, 13). Aliás, é de toda a evidência, e o Redentor o afirmou de Si mesmo para explicar como devíamos estar certos do amor que Ele tem por nós.

De outro lado, é verdade também que se trata da oblação na qual há maior desinteresse. Quando Abraão se dispôs a imolar o próprio filho por obediência a Deus, ele mostrou um desinteresse fabuloso; foi um ato de puro amor. E pode-se lutar por puro amor, indo, por exemplo, à Cruzada, como Isaac caminhou para ser morto pelo pai.

A oblação, nesse sentido, é a extinção da vida de uma pessoa em holocausto a outrem; a Deus, portanto.

Vemos então que, por mais bela que seja a palavra de São Gabriel, quando consideramos a magnificência da luta de São Miguel percebemos ser esta um outro título de glória, e nos resta perguntar qual dos dois títulos, absolutamente, é maior.

Transpondo para o campo humano, vemos que São Luís Maria Grignon de Montfort, por exemplo, tinha horas “gabriélicas”, horas “rafaélicas” e horas “michaélicas”, conforme a preponderância de um ou outro aspecto em sua atuação.

Lendo o *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, sente-se isso. Há trechos em que se tem a impressão de que é São Gabriel que anuncia alguma sublime verdade. Quando São Luís, enquanto apóstolo, monta a argumentação para convencer um terceiro e acende um fogo de alma para chamá-lo, transparece São Rafael. Nos movimentos de indignação, pois há de ponta a ponta no livro dele uma intransigência adamantina, faz-se a hora de São Miguel. Quer dizer, existem tônicas.

Que aspecto angélico brilhou mais na vida de Nosso Senhor?

Tais considerações não elidem o problema mais profundo de saber qual desses aspectos, absolutamente falando, é a tônica em Deus. Poderíamos nos perguntar qual deles brilhou mais na vida santíssima e augustíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo, e em que ocasiões Ele Se conduziu como o Deus

de Gabriel, o Deus de Miguel e o Deus de Rafael. Indagações dessa natureza dariam motivo para um estudo muito belo do Evangelho.

Eu diria que, por exemplo, a vida íntima d’Ele com Nossa Senhora, ou sua Transfiguração no Monte Tabor, parecem-me eminentemente ligadas a São Gabriel.

A Paixão d’Ele, evidentemente, tem mais relação com São Miguel. É o momento do holocausto e da luta, quando Ele vence o mundo. Agonia, em grego, quer dizer *luta do atleta*; os atletas eram chamados *agonistas*.

E São Rafael se associa mais à vida pública d’Ele, com o Mestre fazendo apostolado.

Em que ocasiões de sua vida terrena Nosso Senhor Jesus Cristo brilhou mais como sendo o Deus de Gabriel, de Rafael e de Miguel?

É muito ilustrativo para o espírito passar por esses problemas. Eles emitem luz ainda quando não os resolvamos. E se depois de pensarmos assim consultarmos um livro sobre Angelologia, em dez minutos está elucidada a questão.

A meu ver, seria conforme os nossos métodos mentais – não quero dizer que seja o único –, e acho que Nossa Senhora abençoa esse modo de agir, primeiramente tratarmos de fazer hipóteses com as luzes que Ela nos deu, e depois estudar o que a Igreja ensina, num espírito de submissão, de desejo de aprender. Aí se entende bem a Teologia. Parece-me um modo de operar muito digno, muito correto, e é o que eu quis fazer nesta conferência. ✧

Extraído, com adaptações, de:
Dr. Plinio. São Paulo. Ano XIX.
N.222 (set., 2016); p.26-31

¹ Do francês: “Minha direita é pressionada, minha esquerda é ameaçada, minha retaguarda é golpeada... O que faço? Ataco!” O Marechal Foch foi um militar francês que comandou de forma decisiva as forças aliadas durante a Primeira Guerra Mundial, levando-as à vitória.



Fotos: Reprodução

São Miguel, São Gabriel e São Rafael - Igreja de São Miguel e todos os Anjos, Kingsland (Reino Unido)

Coração de fogo, habitado ao heroísmo

Reprodução



A certas almas Deus pede o heroísmo de viver no anonimato e até no desprezo, para com isso comprar graças de conversão aos pecadores e vitórias para a Santa Igreja.



✠ Ir. María de Jesús Tavárez Castillo, EP

Voltemos nossa atenção às calorosas terras espanholas. Suas vastidões viram nascer inúmeros Santos e heróis. O combativo Inácio de Loyola, seu zeloso discípulo São Francisco Xavier, o austero São João da Cruz são só alguns exemplos. Entre essas ilustres figuras encontra-se uma que talvez para muitos seja desconhecida, mas não para Deus nem para Santa Teresa de Jesus...

Uma joia da Cristandade

“Entre as muitas joias que Deus reuniu na Espanha durante o século XVI, temos como umas das mais excelentes a Venerável Maria de Jesus”,¹ escreveu um biógrafo a respeito daquela que em 18 de agosto de 1560 nasceu de uma nobre família espanhola, no povoado de Tartanedo.

Sete dias após ser dada à luz, a pequena foi levada por seus pais, os fidalgos Dom Antônio López de Rivas e Elvira Martínez, até a Igreja de São Bartolomeu para receber o

Batismo, no qual deram-lhe o nome de Maria.

Desde muito nova ela se destacou por suas virtudes, candura e inocência. Mostrou sempre uma profunda devoção a Nossa Senhora, o que lhe favorecia o inocente costume de brincar de bonecas vestindo-as como a Rainha do Céu.

Contava ela apenas quatro anos de idade quando Deus lhe pediu um grande sacrifício, a morte do seu pai. Antes de expirar, Dom Antônio a

chamou para junto de si e, dando sua bênção, despediu-se com estas palavras: “Minha filha, eu morro; mas Deus será o teu Pai”.²

“Quero-te como minha filha”

Certa vez, quando Maria tinha cinco anos de idade, encontrava-se brincando com uma fruta às beiras do Rio Gallo e num momento de descuido o “brinquedo” lhe escapou das mãos. Vendo-o cair, lançou-se rapidamente ao rio sem temor de se afogar, com o intuito de resgatá-lo.

Todos os que presenciaram o episódio acharam que a menina morreria. Nesse momento apareceu Nossa Senhora que, tomando-a pela mão, transportou-a sobre as águas até deixá-la no alto de uma colina situada a cinco quilômetros de onde estavam.

Nessa circunstância a Santíssima Virgem mostrou à jovem Maria o caminho que deveria trilhar. “Quero-te como minha filha”,³ disse-lhe. Este chamado, porém, tardaria ainda al-

Quando Maria contava apenas cinco anos de idade, a Santíssima Virgem lhe mostrou o caminho que devia trilhar

guns anos a realizar-se, e talvez de um modo que ela não suspeitava.

Luta espiritual para o cumprimento da vocação

Contava ela seis ou sete anos de idade quando sua mãe decidiu contrair segundas núpcias, fato que ocasionou a necessidade de se trasladar até Molina de Aragón, para morar junto aos avós. Não tardaram em aflorar, para admiração de todos, as insignes qualidades com as quais Deus adornara seu corpo e sua alma.

De bela aparência, perspicácia discreta, trato benigno e afável, a jovem nunca se deteve numa inútil autocontemplação. Pelo contrário, ela soube realçar sua formosura revestindo-a de modéstia e fez brilhar seus talentos com as luzes da oração, a cujo exercício dedicou-se metodicamente.

Entretanto, os inimigos do homem muitas vezes são os de sua própria casa, como anunciara o Salvador (cf. Mt 10, 36), e em sua vida não foi diferente. Observando as qualidades da neta e as lisonjas de que era objeto, seus avós se apressaram em buscar-lhe pretendentes para o matrimônio e conseguiram que ela se entregasse aos adornos e vaidades comuns às moças de sua idade.

Um fato providencial veio tirá-la desses perigos. Por volta dos dezesseis anos, ela tomou contato com o Pe. Antônio de Castro, jesuíta e grande orador. Ao conhecer as virtudes de Maria, o sacerdote orientou-lhe que se fizesse carmelita descalça no mosteiro de Toledo, fundado havia pouco por Santa Teresa de Ávila. Mas as ligeirezas às quais se entregara tinham-na levado tão longe de sua vocação, que não quis prestar ouvidos ao que o confessor lhe aconselhava, respondendo que de nenhum modo isso haveria de se realizar. Deus, entretanto, jamais Se deixa vencer quando se trata de conquistar uma alma predileta, e não lhe permitiria escapar tão facilmente...

Debatendo-se interiormente sobre a resolução que tomaria quanto à sua vida – seguir a vida religiosa ou contrair matrimônio –, decidiu encomendar a questão ao Céu. Pondo-se em oração diante de uma imagem de Nosso Senhor com a Cruz às costas, venerada no oratório de sua casa, escutou-Lhe dizer: “Quero que sejas carmelita descalça”.⁴ Ela não acreditou no que ouvira, preferindo julgar que havia sido uma ilusão. Sua consciência, contudo, não lhe dava descanso.

Tal foi sua resistência que, escutando mais uma vez a voz do Redentor, não quis ainda prestar-Lhe ouvidos. Nosso Senhor então Se dirigiu a ela pela terceira vez: “Eu te quero para minha esposa nas carmelitas descalças”.⁵ Por fim, Maria deixou-se vencer! De imediato comunicou ao confessor a decisão de se tornar religiosa e escreveu uma carta à reformadora do Carmelo, Santa Teresa de Jesus.

Entrada no Carmelo

Sendo informada pelo Pe. Castro sobre as virtudes da jovem, quis Santa Teresa que a noviça formasse parte do Carmelo de Ávila. Contudo, como já completara o número máximo de freiras naquele convento, decidiu mandá-la ao mosteiro de Toledo com a seguinte recomendação: “Envio-lha com cinco mil ducados de dote, mas façam-lhes saber que ela é tal, que de muito boa vontade daria cinquenta mil. Não a considerem como qualquer uma, pois espero em Deus que será um prodígio”.⁶

Narram as crônicas que Maria dirigiu-se a Toledo acompanhada do jesuíta nos

últimos dias de julho do ano de 1577. Alguns de seus parentes tentaram em vão assassinar esse sacerdote, indignados com a decisão da jovem. Não conseguiram, porém, impedi-la de chegar a seu destino e de receber o hábito no dia 12 de agosto. Na cerimônia, em que ela adotou o nome de Maria de Jesus, fizeram-se visíveis

Santa Teresa escreveu ao convento de Toledo: “Não a considerem como qualquer uma, pois espero em Deus que será um prodígio”



Francisco Lecaros

Santa Teresa de Ávila - Convento de São José, Toledo (Espanha); na página anterior, retrato autêntico da Beata Maria de Jesus, pintado em Toledo (Espanha)

para todos Nosso Senhor Jesus Cristo, sua Mãe Santíssima e o glorioso São José.

No entanto, assim como o ouro é purificado no cadinho, quis Deus acrisolar essa alma com mais uma prova. O rigor da vida religiosa e as inúmeras penitências às quais se submeteu, enfraqueceram rapidamente sua saúde. Isso despertou a desconfiança das religiosas, que começaram a se perguntar como poderia manter a observância da regra uma pessoa tão doente, e chegaram a pensar em dispensá-la.

À vista disso, Santa Teresa resolveu enviar uma carta ao mosteiro de Toledo comunicando que, se não a aceitassem lá, a levaria para Ávila, pois estava certa de que o convento que a abrigasse dentro de seus muros seria insigneiramente beneficiado, ainda que ela tivesse de ficar acamada a vida inteira. Ante tal evidência, as freiras não opuseram mais resistência. Vencido mais esse impedimento, Maria de Jesus fez a profissão no dia 8 de setembro de 1578.

Convívio com Santa Teresa

Conta-se que Santa Teresa costumava consultá-la com muita frequência nas suas inquietudes pois, com apenas vinte anos de idade, a Ir. Maria de Jesus sabia responder com inteligência e agudeza às questões apresentadas. Agradavam-lhe tanto os conselhos da jovem que, muitas vezes, a grande fundadora preferia as opiniões dela às suas próprias.

Numa ocasião, tendo a Santa feito uma consulta à religiosa, ficou tão satisfeita com seu parecer que lhe respondeu: “Em verdade há de ser assim, pois tu, meu *Letradillo*, o disseste”.⁷

Certa vez, já após a morte da fundadora, esta lhe apareceu enquanto rezava pelo futuro das carmelitas descalças e disse que não devia temer, porque Deus mesmo cuidava da Ordem, por ter sido erigida no seu sangue, que tanto O agradava. Em



Beata Maria de Jesus - Igreja do Santo Anjo, Sevilha (Espanha)

*Aos sofrimentos
que já padecia se
acrescentaram
provações
interiores, ataques
do demônio e uma
dura perseguição*

outra circunstância, a Ir. Maria de Jesus pediu a Nosso Senhor que lhe desse as virtudes da Santa de Ávila, ao que ela mesma lhe apareceu afirmando que o Altíssimo as concederia a quem tivesse disposição para isso.⁸

Priorado marcado pela prova

Ao longo dos seus sessenta e três anos de vida religiosa, a Beata Maria

de Jesus dedicou-se a diversos ofícios: porteira, enfermeira, sacristã, mestra de noviças e priora. Contudo, o exercício deste último custou-lhe sangue.

No dia 25 de setembro de 1591, aos trinta e um anos de idade, ela foi eleita para tal cargo. No começo resistiu em aceitar, pois sentia-se incapaz de executá-lo com perfeição, mas devido à insistência das demais irmãs viu-se obrigada a aceder.

Assumindo-o de maneira exemplar, cria-se mais obrigada a ser perfeita e tomou a dianteira em relação às outras no que dizia respeito ao cumprimento da regra. Entretanto, o sofrimento não cessou de acompanhá-la, pois aos incômodos e doenças que já padecia se acrescentaram as provações interiores, os ataques do demônio e a perseguição.

Uma das freiras forjou calúnias contra ela, sem se saber ao certo quais foram os motivos que a levaram a cometer tal injustiça. Este fato ocasionou sua deposição do cargo de priora. Além disso, a Madre Maria de Jesus sofreu durante vários anos a oposição do provincial, Pe. Alonso de Jesus Maria. Apesar do mau tratamento recebido, manteve-se continuamente serena e submissa à autoridade. Em contrapartida, contou ela sempre com a estima das religiosas mais fiéis, as quais, vendo-a livre da responsabilidade de superiora, elegeram-na novamente como mestra de noviças. Sua inocência só ficou comprovada vinte anos após as acusações.

Por fim havia chegado o momento que Deus reservara à justiça, propiciando que ela voltasse a assumir o priorado, para assim, com a excelência de suas virtudes, influenciar mais uma vez aquelas que estariam sob seu mando. E Ele mesmo prometeu-lhe, juntamente com Santa Teresa, que a acompanharia no governo do mosteiro.

Devido ao seu zelo pelo Santíssimo Sacramento, dedicou esses últimos anos à tarefa de erigir a igreja do convento, a fim de conferir maior solenidade às cerimônias em honra a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Mãe Santíssima.

Graças místicas e convívio com o sobrenatural

Certa vez, após a Comunhão na festa da Ascensão, viu Nosso Senhor, cheio de glória e majestade, elevar-se ao Céu junto a uma multidão de Anjos. Ao perceber que ainda ficava nesta terra, protestou:

— Senhor, não nos deixeis órfãos!

E Jesus lhe respondeu:

— Não vos deixo órfãos, pois fico no Sacramento da Eucaristia. Vede-Me nele e vede-vos dentro do meu Coração.

Numa outra ocasião, durante a Vigília de Pentecostes, viu as três

Pessoas da Santíssima Trindade na Sagrada Eucaristia. Nesse momento, o Divino Mestre lhe mostrou as chagas de seu costado e, dando-lhe a entender o valor e a eficácia de seu Sangue, disse: “Minha filha, este Sangue e o meu Coração são teus. Faze nele a tua morada para sempre, e te submerge em meu Sangue... Fica sabendo que o meu San-

“Este Sangue e o meu Coração são teus. Faze nele a tua morada para sempre”. Assim Deus premeia os que a Ele se entregam

gue queima e abrasa os corações que nele se lançam”.⁹

“Combati o bom combate”

Aos oitenta anos de idade, após uma vida de lutas e tribulações, a Madre Maria de Jesus faleceu em odor de santidade no dia 13 de setembro de 1640, rodeada daquelas que estimava como filhas, as quais enterraram seu corpo no próprio convento. Exumado em quatro ocasiões no decorrer dos anos, ele foi encontrado incorrupto, segundo consta nas atas, e exalando um agradável perfume que se espargiu pelas dependências do mosteiro.

Eis como Deus premeia aqueles que, sem poupar esforços, entregam-se a Ele sem reservas. Estes podem dizer com São Paulo: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Resta-me agora receber a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará” (II Tim 4, 7-8). ✧



Fotos: Reprodução

À esquerda, a Beata Maria de Jesus retratada em seu leito de morte; à direita, seu corpo incorrupto, que se encontra no altar-mor da igreja do Convento de São José, Toledo (Espanha)

¹ EVARISTO DE LA VIRGEN DEL CARMEN, OCD. *El letradillo de Santa Teresa. Biografía de la Madre Maria de Jesús*. Toledo: Sebastián Rodríguez, 1926, p.29.

² Idem, p.32.

³ Idem, p.34.

⁴ Idem, p.40.

⁵ Idem, p.41.

⁶ Idem, p.45.

⁷ Idem, p.71. A palavra *letradillo*, utilizada por Santa Teresa como apelido para a Beata Maria de Jesus, parece fazer referência, de forma carinhosa e pitoresca, à sua condição de pessoa especialmente esclarecida.

⁸ Cf. JERÓNIMO DE LA MADRE DE DIOS, OCD. *Peregrinación de Anastasio*. In: *Obras*. Burgos: El Monte Carmelo, 1933, t.III, p.253.

⁹ EVARISTO DE LA VIRGEN DEL CARMEN, op. cit., p.196.

Auxílio maternal nas necessidades

Dona Lucilia acolhe sempre com benignidade os pedidos que lhe são feitos. Assim, basta recorrer à sua intercessão para encontrar pronta solução até mesmo para problemas aparentemente insolúveis.



✦ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**

Considerando os diversos fatos da vida de Dona Lucilia, nota-se o quanto na base de seu convívio com os demais reluzia de modo especial uma virtude: a bondade! Nenhum revés, doença ou dificuldade era capaz de impedir sua benevolência de envolver os que precisavam de auxílio.

Transcorridos mais de cinquenta anos desde sua passagem para a eternidade, ela continua surpreen-

dendo a todos com sua maternal intercessão.

Diagnosticada uma mielite viral

Eloquente comprovação dessa realidade é o relato enviado por Da. Anésia Valéria Ribeiro Gabriel, de Miracema (RJ), sobre a cura humanamente inexplicável de seu esposo, Sr. Alexandre Dias Gabriel.

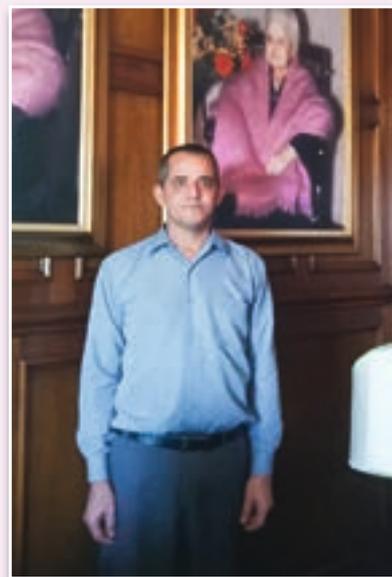
Em 1º abril de 2016, ele amanheceu com fortes dores no pescoço e

no braço. Iniciava-se então uma dura luta para Da. Anésia e sua família, pois o incômodo se intensificou a cada dia, exigindo frequentes idas ao pronto-socorro. Como o quadro se agravava, o Sr. Alexandre procurou atendimento médico em outras cidades e várias vezes foi internado para tratamento, mas sem resultado algum. Pelo contrário, ele começou a perder os movimentos das pernas e, no mês de agosto, passou a usar



Dona Lucilia continua a surpreender a todos com seu maternal auxílio. É o que pôde comprovar o Sr. Alexandre

À esquerda, o Sr. Alexandre Dias Gabriel em dezembro de 2021; à direita, em julho de 2022, depois da graça alcançada por intercessão de Dona Lucilia



cadeira de rodas. Afinal, um médico diagnosticou a sua enfermidade: mielite viral.

No ano de 2017, tornou-se necessário colocar-lhe uma sonda vesical de demora; no ano seguinte, ele foi submetido a uma cistotomia. O Sr. Alexandre fez várias consultas médicas e tomou muitos medicamentos, mas sua situação piorava constantemente.

Em julho de 2021, suas mãos incharam a ponto de obrigá-lo a ir todos os dias ao pronto-socorro, muitas vezes para receber injeção de morfina. Por fim, perdeu também o movimento das mãos.

Não lhe sendo possível receber adequado tratamento em sua cidade, um médico o encaminhou para o Rio de Janeiro. Ali lhe foi proposta a realização de uma cirurgia nos nervos das pernas, a qual eliminaria as dores, mas lhe tiraria a possibilidade de um dia voltar a caminhar. À espera de uma vaga para a internação, ele continuou indo diariamente ao pronto-socorro, devido às fortes dores e às constantes crises de espasmos.

Poderosa intervenção após seis anos de sofrimento

No dia 15 de fevereiro de 2022, a família recebeu a visita de um sacerdote dos Arautos do Evangelho. Após dar ao enfermo a bênção apropriada, o padre perguntou-lhe se acreditava em milagres. Tendo recebido uma resposta positiva, sugeriu-lhe pedir com muita confiança a intervenção de Dona Lucília para solucionar o seu caso. O Sr. Alexandre e sua família começaram imediatamente a rezar a essa benigna senhora.

No dia seguinte, ele sentiu um forte mal-estar e precisou acorrer prontamente ao hospital. Alguns instantes depois, qual não foi a surpresa de todos ao perceberem que ele conseguia movimentar as mãos novamente! Em pouco tempo, o inchaço sumiu e as



Dona Lucília por volta do ano de 1960

“Hoje ele anda, até consegue viajar. Foram seis anos de lutas e sofrimentos, mas Dona Lucília ouviu nossas preces e nos obteve o milagre”

dores cessaram. No dia subsequente, notaram que aos poucos ele recuperava também o movimento das pernas.

“Desse dia em diante”, declara cheia de gratidão Da. Anésia, “foi acontecendo tudo muito rápido: as dores acabaram, cessaram as crises. Meu esposo não toma mais nenhum medicamento. Tudo melhorou e hoje ele anda, até consegue viajar. Foram

seis anos de lutas e sofrimentos, mas Dona Lucília ouviu nossas preces e nos obteve o milagre. Nossa vida mudou. Não temos palavras para lhe agradecer”.

“Sem dúvida alguma, Dona Lucília nos atendeu”

Também o Sr. Juan Manuel García Félix, residente em Ciempozuelos, na Espanha, foi beneficiado pela intercessão de Dona Lucília, conforme o relato enviado por sua filha, Da. Pilar García Moraleda.

Narra ela: “Meu pai foi submetido a uma cirurgia para a retirada de um tumor no estômago. Correu tudo bem na operação, mas dois dias depois os médicos constataram que havia uma fuga numa das suturas. Se não conseguissem fechá-la mediante um tratamento conservador, teriam de recorrer a uma nova intervenção cirúrgica, a qual seria muito mais complicada que a primeira e o exporia a graves riscos”.

Sob o peso dessa dramática perspectiva, a esposa do Sr. Juan Manuel retornou à sua residência para repousar. Lá chegando, encontrou na caixa de correio a revista *Arautos do Evangelho* e, como de costume, ela começou a lê-la em seguida. Ao ver uma grande foto de Dona Lucília na contracapa, teve um assomo de alegria, pois percebeu tratar-se de um sinal do Céu. Voltou sem tardança para o hospital e colocou no quarto do enfermo a fotografia de Dona Lucília. Toda a família se pôs a pedir-lhe a solução para aquela angustiante situação.

Assim conclui seu relato Da. Pilar: “Desde esse dia, milagrosamente a fuga começou a fechar; e em vinte e cinco dias o problema estava resolvido, não havia mais necessidade de uma segunda cirurgia. Os médicos mostravam-se muito surpresos pela boa evolução do caso. Sem dúvida alguma, Dona Lucília nos atendeu nesse momento de an-



Sr. Juan Manuel García Félix com a foto de Dona Lucília publicada na Revista

Ao ver uma grande foto de Dona Lucília na contracapa, ela teve um assomo de alegria, pois percebeu tratar-se de um sinal do Céu

gústia. Agradecemos de toda a alma sua intercessão”.

Uma aterradora perspectiva

Igualmente agradecida se mostra Da. Maria Teresa Falchero Daidone, de São Caetano do Sul (SP), socorrida por Dona Lucília numa situação em que corria sério risco de vida, conforme relata sua filha, Da. Maria Fernanda Daidone Madrucci.

Acometida por uma grave pneumonia, Da. Maria Teresa precisou ser internada. A administração do antibiótico dava-se por via venosa e, pelo fato de suas veias serem muito sensíveis e por algumas outras complicações, em certo momento tornou-se necessário colocar o acesso no pesco-

ço. Por erro médico, porém, o antibiótico foi injetado numa artéria, o que ocasionou uma hemorragia seguida de cinco convulsões ao longo do dia, devido à formação de um trombo.

O médico informou que seria necessário entubá-la caso ocorresse mais alguma convulsão, a fim de prevenir sequelas irreversíveis no cérebro. Explicou também que talvez ela não resistisse a tal procedimento, por ter problemas pulmonares.

Diante de tão aterradora perspectiva, Da. Maria Fernanda depositou no travesseiro de Da. Maria Teresa uma foto de Dona Lucília, pedindo-lhe fervorosamente que cuidasse de sua mãe e intercedesse por ela junto a Nossa Senhora. Chegando a casa, reuniu suas filhas para explicar-lhes a situação da avó, e recomendou que rezassem a Dona Lucília pedindo que tomasse conta dela.

Sob a proteção de um xale “cor-de-rosa”

Quando retornou ao hospital na manhã seguinte, Da. Maria Fernanda notou que equipe médica estava em frente à porta do quarto de sua mãe. Logo pensou que o pior havia acontecido... Ao se aproximar, o médico lhe perguntou:

— A senhora acredita em Deus?

— Sim, claro! Por que o senhor me pergunta isto? — respondeu Da. Maria Fernanda.

— Então entre e veja sua mãe.

Ela entrou no quarto e encontrou sua mãe sentada, muito feliz e sorridente, tomando o café da manhã sem qualquer dificuldade. Mostrou-lhe então a foto que colocara em seu travesseiro na noite anterior, ao que sua mãe lhe disse: “Filha, eu tenho a sensação de ter visto esta senhora enquanto estava dormindo”.

Conclui Da. Maria Fernanda em seu relato: “Ela se sentiu envolvida por algo cor-de-rosa, que imagino ser o xale de Dona Lucília, como se vê na foto”.

Desenlace inesperado no acerto de uma dívida

“Encontrava-me desesperada, angustiada e sem saber o que fazer, pois tinha uma dívida muito grande e não estava em condições de pagá-la”. Assim começa o relato enviado de Cuenca, Equador, por Da. Narcisca Matute Vásquez. Continua ela: “Fui à Igreja do Sagrado Coração de Jesus e expus meu problema ao sacerdote que ali atendia Confissões”. Este lhe aconselhou fazer uma novena a Maria Santíssima e pedir também ajuda a Dona Lucília. Ela rezou com fé a esta última, dizendo-lhe com toda a simplicidade: “A senhora sabe o sofrimento pelo qual estou passando, dê-me uma luz para eu sair desta situação”.

Transcorridos poucos dias, ocorreu-lhe uma solução. Ela possuía um terreno comprado em sociedade com sua irmã. Esta reafirmara várias vezes a decisão de vendê-lo somente quando as duas estivessem em idade avançada, pois assim ele seria seu amparo na velhice. Narra Da. Narcisca: “Encomendei-me novamente a Dona Lucília e propus à minha irmã vender o terreno. Ela aceitou logo a proposta, sem sequer perguntar o motivo. Três dias depois, apareceu um comprador que pagou o preço justo”.

Com essa solução inteiramente “luciliana”, estava resolvido o angustiante problema de Da. Narcisca.

Graves consequências de um acidente

Impressionada com a presteza com a qual Dona Lucília obteve o restabelecimento de Da. Daniele, sua amiga, Da. Maria Aparecida Neves Defanti, de Cambuci (RJ), nos envia uma pormenorizada narração do fato.

Relata ela que Da. Daniele retornava tranquilamente de moto à sua residência quando, ao passar por uma lombada, desequilibrou-se e caiu. Resultaram-lhe da queda a fratura de sete costelas, além de lesões no

figado, no baço e nos pulmões. Tendo sido levada para o hospital, foi logo encaminhada para o CTI.

O médico responsável aconselhou a família a transferir a acidentada para um hospital com mais recursos, pois seu caso era muito grave. Parentes e amigos fizeram inúmeras tentativas de efetivar a transferência, mas foram todas inúteis. Decidiram então depositar o caso nas mãos de Dona Lucília.

“Peça a ela o milagre de que você tanto precisa”

“Começamos logo rezar, pedindo a Dona Lucília que a curasse o quanto antes”, relata Da. Maria Aparecida. Cinco dias depois do acidente, um amigo visitou Da. Daniele no hospital e deu-lhe uma estampa de Dona Lucília, dizendo: “Peça a ela o milagre de que você tanto precisa”.

Para surpresa de todos, inclusive do médico, no dia seguinte começaram a aparecer sinais de melhora. Passado mais um dia, outra surpresa: uma tomografia revelou que o fígado e o baço já estavam em boas condições.

O atendimento às suas orações, porém, não estava ainda consumado, pois restava um fator preocupante: os pulmões retinham muito líquido. À

vista disto, o médico comunicou que no próximo dia faria uma drenagem, após realizar um exame de raio X. Contudo, não houve necessidade de proceder à intervenção cirúrgica, pois o exame demonstrou de modo indubitável que não havia mais sequelas do acidente no organismo de Da. Daniele.

Estupefato, o médico examinou mais uma vez a paciente, analisou de novo o resultado do raio X e, por fim, lhe disse: “Você pode ir para casa, porque está inteiramente recuperada. Aconteceu um milagre! Eu tenho trinta e cinco anos de profissão e nunca presenciei algo assim. Realmente, foi um milagre!”

* * *

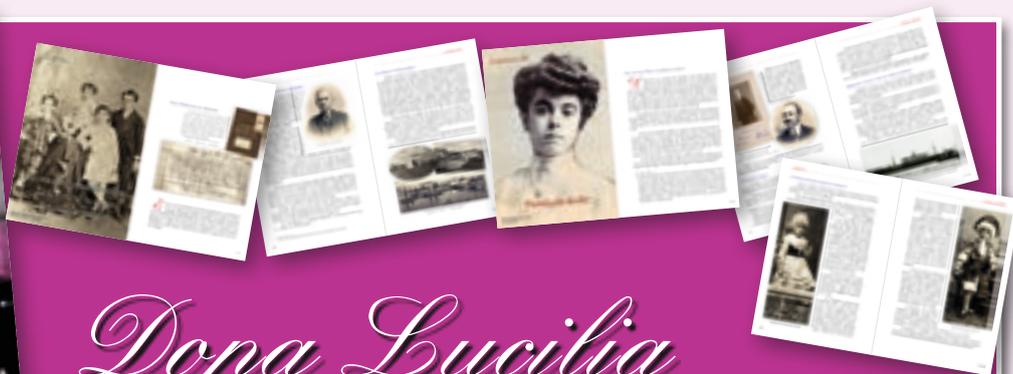
Patenteia-se nesses relatos a inegável generosidade com a qual Dona Lucília acorre em auxílio daqueles que a invocam em momentos de apuro e dificuldade. Sendo sua benevolência um reflexo da bondade do Sagrado Coração de Jesus, ela acolhe sempre os pedidos que lhe são feitos. Basta, pois, recorrer a ela para encontrar pronta solução, até mesmo para problemas aparentemente insolúveis! ✧



Reprodução

Da. Maria Teresa Daidone com um quadro de Dona Lucília

Da. Maria Teresa disse que, durante a inconsciência, sentiu-se envolvida por algo cor-de-rosa, tal como o xale de Dona Lucília



Dona Lucília

Uma biografia de Dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, escrita por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, e editada pela *Libreria Editrice Vaticana*.

Pedidos pelo telefone (11) 96638-6774 ou <https://lumencatolica.com.br/>



Fotos: Thiago Iemura



Fotos: Reprodução



Fotos: Stephen Nami



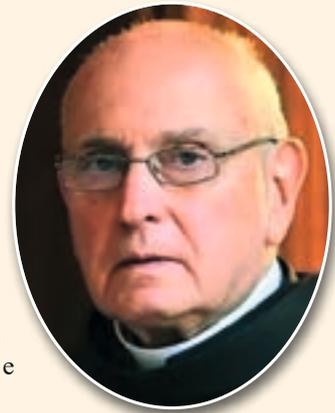
Congressos sobre a Santa Igreja

“Vinde e vede como é bom, como é suave os irmãos viverem juntos bem unidos!” (Sl 132, 1). Fazendo jus a essas palavras das Sagradas Escrituras, jovens e adultos das mais diversas partes do Brasil e do mundo afluíram nas últimas semanas do mês de julho às Casas de Formação Tabor e Monte Carmelo, em Caieiras (SP), a fim de participarem dos tradicionais congressos do setor masculino (fotos 1 e 2), do setor feminino (fotos 3 e 4) e dos cooperadores dos Arautos do Evangelho (fotos 5 a 7).

Os três congressos tiveram por tema a Santa Igreja, dando a todos a oportunidade de conhecer de maneira mais profunda esta Mãe que, por contar com a promessa de imortalidade de seu Divino Fundador – “As portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18) – atravessou incólume e imaculada as mais duras batalhas, internas e externas, que contra ela se armaram. Palestras, encenações teatrais, círculos de estudo, Missas, Adorações ao Santíssimo e Terços processionais foram algumas das atividades que encheram esses dias de abençoado e alegre convívio.

Pe. Jorge María Storni, EP

Superior Geral da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli



A pós setenta e nove anos de lutas e conquistas por Maria Santíssima, no dia 13 de junho partiu para a eternidade o Pe. Jorge María Storni, EP, Superior Geral da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli, ramo sacerdotal dos Arautos do Evangelho.

Pe. Storni nasceu em Buenos Aires em 1942. Depois de obter o bacharelado em Direito, dedicou-se à defesa da Fé e dos princípios inspiradores da Civilização Cristã, participando, com esse intuito, de diversas associações em seu país natal.

Ainda jovem, conheceu Dr. Plínio Corrêa de Oliveira na capital argentina, com quem estabeleceu uma estreita e pro-

funda amizade, recebendo dele importantes missões na Europa e na América, por seu excepcional talento e profunda piedade.

Como membro dos Arautos do Evangelho, foi ordenado sacerdote em 2008. Homem de grande cultura e sabedoria, obteve o Doutorado em Direito Canônico em Veneza, no ano de 2013. Em 2017 foi eleito Superior Geral da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli, cargo que ocupou até sua morte. ✧



Fotos: Reprodução

À esquerda, Pe. Jorge María Storni cumprimenta Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho, no dia de sua ordenação diaconal; à direita, sua Missa de exéquias na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)



Fotos: Jesse Arca

Colômbia – No dia 20 de julho, pessoas de diversas partes do país puderam participar de um congresso mariano realizado na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá. Além de palestras, houve a solene coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, bênção do Santíssimo e Santa Missa.



Tocancipá (Colômbia)

Cento e sessenta e oito mil famílias se consagram a Maria Santíssima

Nos dias 25 e 26 de julho, mais de cento e sessenta e oito mil famílias hispano-americanas e espanholas fizeram sua solene consagração a Jesus por meio de Maria, após se prepararem no curso ministrado pelo Revmo. Pe. Manuel Rodríguez Sancho, EP, oferecido gratuitamente pela Plataforma de Formação Católica Reconquista, dos Arautos do Evangelho.

Doze mil pessoas participaram presencialmente das cerimônias, realizadas em igrejas, oratórios e capelas dos Arautos do Evangelho nas cidades de Madri, Múrcia, Oviedo, Santiago de Compostela e Sevilla la Nueva, na Espanha;

Bogotá, Medellín e Tocancipá, na Colômbia; Quito, Cuenca e Guayaquil, no Equador; Ypacaraí, no Paraguai; e nas capitais do México, Guatemala, Costa Rica, El Salvador, República Dominicana, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Ademais, duzentas mil famílias puderam assistir, pelo canal dos Arautos do Evangelho no YouTube, à Missa e cerimônia de consagração presidida pelo Pe. Manuel Rodríguez na Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Tocancipá, Colômbia.

Ao longo do último ano, oitocentas mil famílias da América e Europa consagraram-se a Nossa Senhora por meio dos cursos promovidos pela Plataforma Reconquista.



Medellín (Colômbia)



San José da Costa Rica



Madrid



Santiago do Chile



Buenos Aires



Ypacaraí (Paraguai)



San Salvador



Guayaquil (Equador)



Cidade do México



Cidade da Guatemala



Cuenca (Equador)



Lima



Novo massacre de católicos na África

Continuam as brutais perseguições sofridas pelos cristãos em Burkina Faso, república da África Ocidental, por mãos de terroristas islâmicos. Somente no dia 3 de julho, trinta e uma pessoas morreram num ataque realizado durante a noite. Quatorze delas se encontravam em frente à igreja da comunidade de Bourasso.

Na Diocese de Fada N’Gourma, no leste do país, cinco das dezesseis paróquias que a compõem encerraram por completo suas atividades após graves atentados. Em outras sete paróquias, o trabalho pastoral se limita à igreja principal, pois a maior parte

das estradas de acesso às aldeias foram bloqueadas pelos terroristas ou estão sob seu controle.

Sangue de São Pantaleão se liquefaz

No dia 27 de julho, numerosos fiéis se deslocaram até o Mosteiro da Encarnação, em Madri, para assistir a um fenômeno que ocorre anualmente desde o século XVII: a liquefação do sangue de São Pantaleão.

O sangue desse mártir do século IV encontra-se numa ampola hermeticamente fechada e, no dia dedicado ao Santo, a liquefação se repete não só na Espanha, como também em Ravello, na Itália, cuja catedral abriga uma relíquia semelhante.

Recuperado relicário com o Preciosíssimo Sangue de Cristo

A urna com o Preciosíssimo Sangue de Cristo pertencente à abadia beneditina de Fécamp, na França, e que havia sido furtada na noite de 1º para 2 de junho, foi recuperada nos Países Baixos, intacta, após mais de seis semanas. Arthur Brand, detetive holan-

dês especializado em artes, a encontrou na porta de sua casa dias depois de ter recebido um e-mail anônimo, cujo remetente afirmava estar em posse da valiosa relíquia.

O relicário, que mede cerca de trinta centímetros, abriga dois pequenos frascos contendo algumas gotas do Preciosíssimo Sangue Nosso Senhor, recolhidas por José de Arimateia após descer o Corpo de Jesus da Cruz.

Patrimônio histórico em risco na Europa

Um informe publicado pela Comissão de Cultura do Senado Francês advertiu que milhares dos cem mil edifícios religiosos do país terão de ser vendidos ou demolidos, a menos que o governo destine recursos para mantê-los. Mais de quarenta mil desses prédios são anteriores ao século XX, e quinze mil deles estão protegidos como monumentos históricos, mas muitos se encontram deteriorados devido às intempéries. Há mais de um século, as igrejas católicas da França foram declaradas propriedade do Estado, o que

Abadia e capela dedicadas a São Miguel escapam de incêndio

A onda de calor que atingiu a Europa no mês de julho causou diversos incêndios florestais, com a destruição de grandes extensões de terra.



Monte São Miguel de Brasparts

No dia 17 de julho, as chamas consumiram mil e quinhentos hectares ao redor da Abadia de São Miguel de Frigolet, na costa sul da França, obrigando os monges premonstratenses que ali vivem a evacuar o edifício, que data do século XII. Felizmente os bombeiros contavam com a celestial ajuda do Arcanjo protetor do mosteiro, e o fogo foi contido a pouca distância de suas paredes.

No dia seguinte, a ação do Príncipe da Milícia Celeste se fez sentir também na costa oeste da França, onde o incêndio que arrasou mil e



Abadia de São Miguel de Frigolet

setecentos hectares no Monte São Miguel de Brasparts foi detido pelos bombeiros a apenas alguns metros de uma capela a ele dedicada.

Restituídas as joias da Virgem de Chiquinquirá

No dia 9 de julho, festa de Nossa Senhora de Chiquinquirá, padroeira da Colômbia, foi realizada no santuário dessa invocação mariana uma cerimônia para a restituição de suas joias, roubadas no ano passado.

Enquanto um religioso dominicano lia proclamações sobre o simbolismo de cada peça, cadetes da escola da Polícia Nacional as conduziram em almofadas até o presbitério e as entregaram a oficiais de alta patente do Exército e da Polícia. Estes levaram as joias aos pés da imagem, descida de seu lugar habitual, para que o Arcebispo de Bogotá e Pre-

sidente da Conferência Episcopal Colombiana, Dom Luis José Rueda, as colocasse sobre a sagrada tela. Ao mesmo tempo, soavam as notas de cânticos e hinos festivos entoados pelo coro e orquestra dos Arautos do Evangelho.

Além de restituir ao milagroso ícone a coroa de Nossa Senhora e de seu Divino Filho, o cetro, os rosários e a meia-lua sob os pés da Virgem, os padres dominicanos Lhe ofereceram um novo presente: um globo coroado com a cruz, símbolo do governo materno de Maria Santíssima sobre o mundo.

Fotos: facebook.com/BasilicaChiquinquirá



Jesse Arce

À esquerda, imagem da Virgem de Chiquinquirá com suas joias; no centro e à direita, aspectos da cerimônia

obriga o poder público a responsabilizar-se por sua conservação.

Situação análoga se verifica na Espanha, onde quatrocentos monumentos religiosos, entre os quais se contam igrejas e conventos de grande valor patrimonial e artístico, encontram-se em ruínas, segundo informa a Associação Hispania Nostra.

Missionárias da caridade são expulsas da Nicarágua

Em fins de junho o governo nicaraguense determinou, em caráter de urgência, a dissolução no país da Congregação das Missionárias da Caridade, fundada por Santa Teresa de Calcutá, e a expulsão de seu território das dezoito religiosas que a compunham. No dia 6 de julho, a polícia e alguns funcionários da Direção Geral de Migração e Imigração conduziram as irmãs até a fronteira com a Costa Rica,

onde foram acolhidas pela Diocese de Tilarán-Liberia.

As religiosas, procedentes do próprio país, bem como da Espanha, Índia, Vietnã, Filipinas, México, Equador e Guatemala, mantinham ali um lar para idosos, além de desenvolverem outros trabalhos pastorais. Desde de 1988 as Missionárias da Caridade atuavam na Nicarágua.

Museu norte-americano acolhe exposição sobre Notre-Dame

O National Building Museum, em Washington, D.C., abrigará até o dia 26 de setembro uma exposição interativa sobre a Catedral de Notre-Dame de Paris, um dos monumentos mais emblemáticos e visitados no mundo.

A mostra, intitulada *Notre-Dame de Paris: The Augmented Exhibition*, oferece um passeio pela quase mi-

lenar história da catedral por meio de reconstruções virtuais, as quais transportam visualmente os visitantes através do tempo. Entre outros fatos, podem eles acompanhar a edificação do templo na Idade Média, assistir à chegada da Coroa de Espinhos trazida por São Luís IX em 1241, presenciar a instalação da agulha idealizada por Viollet-le-Duc, ou seguir os esforços de restauração da igreja desde o incêndio de 2019.

Grandes painéis com fotografias inéditas, reproduções tridimensionais da catedral e de seus detalhes decorativos – incluindo uma gárgula e uma estátua em tamanho natural – e réplicas dos ladrilhos de pedra e dos vitrais que ornam o edifício sacro terminam de compor o quadro para os visitantes, enquanto soam os harmoniosos acordes dos órgãos e sinos de Notre-Dame.

Benditas as estrelas que Te viram pequenina!

Aquelas palavras inundaram Áurea de alegria e lhe deram força para prosseguir a viagem. E então – oh, surpresa – ela avistou o esperado planeta!



↳ **Gabriele Matiello**

“Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite; sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos” (Gn 1, 14). Tais foram as palavras de Deus quando criou as estrelas, em cujos “ouvidos” elas ressoavam continuamente: eram o lema de suas vidas.

Nem todas, porém, moravam perto do nosso planeta; algumas estavam muito, muito longe. Uma delas, chamada Áurea, vivia a uma distância difícil de calcular. Sendo por demais pensativa, dizia consigo mesma: “Nossa missão é determinar os tempos. Mas como? Onde cumpriremos esse encargo? Aqui é tudo tão escuro... e afastado”.

Áurea percorria as galáxias alimentando essa dúvida, até que se deparou com um reluzente astro, de brilho especialmente intenso. Então, aproximando-se, interrogou-o:

— Venerável estrela, me permites uma pergunta?

— Pois não.

— A ordem divina ecoa como o ideal de nossa existência. Entretanto, não sei como obedecê-la... A quem serviremos de sinal? Que tem-

pos marcaremos? Vivemos nesta escuridão, só entre nós... Poderias me explicar?

— Cara estrelinha, tudo no universo tem uma finalidade. No nosso caso, fomos criadas em benefício dos homens. A luz que emitimos lhes demarca os acontecimentos, e nossa presença pode significar algo de suma importância em suas vidas ou até mesmo na própria História da humanidade.

— Ah, o ser humano! Sei que foi constituído rei da criação. Quão espetacular é servirmos aos que são à imagem e semelhança do Senhor! Mas o espaço que nos separa é imenso... Que pena!

O astro respondeu:

— É verdade, e tu tens ainda um longo caminho a percorrer até te aproximares da Terra. A distância, contudo, não deve ser motivo de tristeza e sim de alegria porque, quanto maior for a demora, mais glorioso será o dia de tua chegada.

Áurea agradeceu, comovida, aquelas palavras de ânimo. Despediram-se, e cada uma continuou o seu percurso.

Com a esperança robustecida, a estrela não via a hora de chegar o dia tão

ansiado. Ela corria, corria, corria... No entanto, faltavam ainda muitos anos-luz para alcançar seu objetivo.

Por ser uma trajetória demorada, havia quem desistisse a meio caminho, preferindo morrer no esquecimento a perseverar no entusiasmo. Quando Áurea sentia os primeiros cochichos da tristeza, e o desânimo batia à porta de seu coração, ela se recordava das palavras daquele experimentado conselheiro: “Quanto maior for a demora, mais glorioso será o dia”.

Certa vez, houve um providencial encontro: deparando-se com uma constelação, ficou curiosa em conhecer seus integrantes.

— Ó amigos luzeiros! Desculpai-me atrapalhar a conversa. Por acaso vosso brilho já alumiu a Terra?

— Oh, sim! Foi inesquecível! – respondeu um deles.

— Somos felizes, porque brilhámos numa noite especialíssima!

— É mesmo? Qual? – perguntou Áurea.

— Estávamos nós no firmamento, quando um patriarca escutou de Deus: “Levanta os olhos para os céus e conta as estrelas, se és capaz... Pois bem, assim será a tua descendência”

(Gn 15, 5). Era Abraão! Ele tentou numerar-nos, mas em vão; afinal de contas, somos muitas! Diante da inutilidade de seus esforços, ele se rendeu, elevando ao Onipotente um sublime ato de confiança.

Áurea não sabia o que dizer; tinha ficado impressionada com a narração. Agradeceu e seguiu adiante.

Já um pouco angustiada pela demora, deparou-se com outra estrela e decidiu indagar-lhe se sabia quanto tempo restava para chegar à Terra. Ao se aproximar, deu-se conta de que sua cor era acinzentada, ela não tinha claridade e uma profunda melancolia lhe marcava o semblante.

— Peço desculpas por interromper-te... Queria somente perguntar quanto me resta de percurso até...

— A Terra? Não tenho boas recordações de lá...

— Não?! Por quê?

— Eu estava empolgadíssima com a ideia de difundir minha luz aos homens, mas, quando lá cheguei, presenciei uma cena abjeta: alguns deles adoravam um bezerro de ouro! O povo eleito havia renunciado ao culto do verdadeiro Deus para idolatrar uma estátua... Por isso, eu e as outras estrelas que comigo estavam perdemos nossa luminosidade; o Criador assim decidiu para castigar aquele pecado.

— Sinto muito por tua triste sorte... Que horror é ofender nosso Pai! Minha amiga, muito obrigada por revelar-me tão grandioso e pungente acontecimento. Pude entender mais um aspecto do Senhor!

— Com todo o prazer! Espero que emitas tua luz sobre aqueles que O amem verdadeiramente. Não falta muito para chegares lá. Confia e sê constante!

Áurea saiu apreensiva da conversa: “Será que assistirei à infidelidade dos homens? Oh, Senhor, livrai-me dessa desgraça!”

Aflita, continuava correndo, ao mesmo tempo que temia chegar à Terra. Em dado momento, um fulgor especial, mais radioso que os demais astros e nunca antes contemplado no universo, acercou-se de Áurea. Uma voz suave e harmoniosa fez-se ouvir:

— Continua avançando! Eis que te está reservada uma graça excelente. Mais um pouco e cumprirás tua missão!

A luz foi se extinguindo até desaparecer. Aquelas palavras inundaram

de alegria a estrela e deram-lhe força para prosseguir.

E então... oh, surpresa! Áurea avistou o planeta! Ademais, pôde ouvir uma curiosa melodia. À medida que se achegava, o som tornava-se mais preciso. Dali a pouco foi possível reconhecer que se tratava de uma belíssima canção, cuja letra dizia: “Benditas as estrelas que Te viram pequenina!” Logo Áurea viu legiões de Anjos, que louvavam o nascimento de alguém muito importante.

Novamente aquela luz fulgurante e misteriosa apareceu, revelando sua figura. Era o Arcanjo São Gabriel, o qual proclamou:

— Tu foste escolhida por Deus para enfeitar o céu no natalício da Santíssima Virgem Maria, a Eleita do Senhor, destinada a ser Mãe de Deus. Teu fulgor imenso, a ponto de se irradiar em pleno meio-dia, há de deleitar a Rainha do universo!

Mal terminara o Arcanjo de falar, a estrela sentiu algo novo dentro de si e sua luz se intensificou. Ela fitou a Terra: os olhinhos de Nossa Senhora estavam pousando sobre ela. O celeste mensageiro então se pôs a cantar:

— Bendita sejas, ó estrela, pois foste a primeira criatura a ser contemplada por Nossa Senhora! Eis o prêmio e a vitória dos que, até o fim, perseveraram! ✧



Tu foste escolhida por Deus para enfeitar o céu no dia do natalício da Santíssima Virgem Maria!

OS SANTOS DE CADA DIA

1. São Josué, filho de Num.

Após a morte de Moisés, do qual era discípulo, introduziu o povo de Israel na Terra Prometida.

2. Beata Ingrid Elofsdotter,

viúva (†1282). Tendo falecido seu esposo, empregou todos os seus bens em obras de caridade e recebeu o hábito dominicano em Skänninge, Suécia.

3. São Gregório Magno, Papa e Doutor da Igreja (†604 Roma).

São Marino, diácono (†séc. IV/V). Pregou na região de Rimini e retirou-se ao Monte Titano, onde fundou um povoado que daria origem à República de San Marino.

4. XXIII Domingo do Tempo Comum.

Santa Irmengarda, leiga (†c. 1089). Condessa de Sickingen, Alemanha, tornou-se ermitã e empregou seu patrimônio na construção de igrejas.

5. Beato Guilherme Browne, mártir (†1605). Fervoroso leigo morto no reinado de Jaime I da Inglaterra, porque propagava a Fé Católica.

6. São Zacarias, profeta. Predisso o fim do exílio do povo eleito na Babilônia, e anunciou a entrada do Rei da Paz em Jerusalém.

7. São Clodoaldo, presbítero (†560). Nascido de estirpe real, foi acolhido por sua avó Santa Clotilde após a morte de seu pai e seus irmãos. Fez-se sacerdote e morreu em Saint-Cloud, França.

8. Natividade de Nossa Senhora.

Beata Serafina Sforza, religiosa (†1478). Suportou muitas adversidades na vida conjugal e,



Santa Teresa Couderc

após ficar viúva, passou o resto dos seus anos sob a regra de Santa Clara.

9. São Pedro Claver, presbítero (†1654 Cartagena - Colômbia).

Beata Maria da Cabeça, leiga (†séc. XII). Esposa de Santo Isidro, lavrador, padroeiro de Madri.

10. Santa Pulquéria, imperatriz (†453). Aos quinze anos fez voto de virgindade e transformou seus aposentos num cenóbio. Seu exemplo modificou a corte.

11. XXIV Domingo do Tempo Comum.

Santo Elias Speleota, abade (†960). Partiu como peregrino para Roma, onde tomou o hábito de São Basílio e levou vida de penitente na gruta de Melicuccà, Itália.

12. Santíssimo Nome de Maria.

São Francisco Ch'oe Kyöng-hwan, mártir (†1839). Catequista

preso, torturado e morto em Seul por defender os católicos e encorajá-los para o martírio durante as perseguições na Coreia.

13. São João Crisóstomo, Bispo e Doutor da Igreja (†407 Comana - Turquia).

Beato Aurélio Maria Villalón Acebrón, religioso e mártir (†1936). Membro da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, morto por ódio à Igreja.

14. Exaltação da Santa Cruz.

Santo Alberto, Bispo (†1215). Patriarca de Jerusalém, deu uma regra aos eremitas do Monte Carmelo e, enquanto celebrava a festa da Santa Cruz, foi assassinado por um homem cuja má conduta havia censurado.

15. Nossa Senhora das Dores.

Santa Catarina Fieschi, viúva (†1510). Nascida no seio de uma das principais famílias de Gênova, tornou-se insigne pelo seu amor a Deus e caridade para com os necessitados, após ter levado uma vida frívola e mundana.

16. São Cornélio, Papa (†252 Civitavecchia), e São Cipriano, Bispo (†258 Cartago), mártires.

São Vital, abade (†1122). Renunciou aos encargos terrenos e fundou um mosteiro em Savigny, França, onde reuniu numerosos discípulos.

17. São Roberto Belarmino, Bispo e Doutor da Igreja (†1621 Roma).

Santa Hildegarda de Bingen, virgem e Doutora da Igreja (†1179 Bingen, Alemanha).

Santo Estanislau de Jesus e Maria, presbítero (†1701). Fundou os Clérigos Marianos da Imacu-

lada Conceição da Virgem Maria, em Góra Kalwaria, Polónia.

18. XXV Domingo do Tempo Comum.

Beatos Davi Okelo e Gildo Irwa, mártires (†1918). Foram martirizados ainda jovens numa aldeia ao norte de Uganda, por terem se dedicado espontaneamente à catequese.

19. São Januário, Bispo e mártir (†séc. IV Pozzuoli - Itália).

Santa Maria Emília de Rodat, virgem (†1852). Fundou em Villefranche, França, a Congregação das Irmãs da Sagrada Família.

20. Santos André Kim Tae-gon, presbítero, Paulo Chong Ha-sang e companheiros, mártires (†1839-1867 Coreia).

São José Maria de Yermo y Parres, presbítero (†1904). Fundador da Congregação das Servas do Sagrado Coração de Jesus e dos Pobres.

21. São Mateus, Apóstolo e Evangelista.

São Castor de Apt, Bispo (†c. 426). Desejoso de explicar a sublimidade da vida monástica aos cenobitas sob sua jurisdição, recorreu a São João Cassiano, o qual lhe redigiu as célebres *Conferências*, sobre os ascetas do Egito.

22. Beata Maria da Purificação Vidal Pastor, virgem e mártir (†1936). Católica fervorosa, sobressaía-se pelo cuidado aos enfermos e assiduidade nas cerimónias religiosas. Durante a Guerra Civil Espanhola, foi presa e assassinada na estrada de Corbera, Valência.

23. São Pio de Pietrelcina, presbítero (†1968 San Giovanni Rotondo - Itália).

Beata Maria Emília Tavernier, religiosa (†1851). Depois de falecidos seu marido e filhos, fundou em Quebec, Canadá, a Congregação das Irmãs da Divina Providência, para o cuidado dos órfãos e doentes mentais.

24. Beato Dalmácio Moner, presbítero (†1341). Religioso dominicano do convento de Girona, Espanha. Passou três anos de recolhimento na gruta de Santa Maria Madalena, junto a Marselha, França.

25. XXVI Domingo do Tempo Comum.

São Sérgio de Radonez, monge (†1392). Abade do Mosteiro da Santíssima Trindade, na região de Moscovo, Rússia. De índole afável,

foi conselheiro de príncipes e consolador dos fiéis.

26. Santos Cosme e Damião, mártires (†séc. III Ciro - Síria).

Santa Teresa Couderc, virgem (†1885). Fundadora da Congregação de Nossa Senhora do Retiro no Cenáculo, em Lalouvesc, França.

27. São Vicente de Paulo, presbítero (†1660 Paris).

Santo Elzeário de Sabran, leigo (†1323). Filho de uma das principais famílias da Provença, França, herdou o condado de Ariano, perto de Nápoles. De comum acordo com sua esposa, a Beata Delfina, guardou a virgindade até o fim de seus dias.

28. São Venceslau, mártir (†929/935 Stara Boleslav - República Checa).

São Lourenço Ruiz e companheiros, mártires (†1633-1637 Nagasaki - Japão).

Santa Eustáquio, virgem (†c. 419). Com sua mãe, Santa Paula, deixou Roma e seguiu São Jerônimo até Belém.

29. São Miguel, São Gabriel e São Rafael, Arcanjos.

Beato Nicolau de Furca Palena, presbítero (†1449). Religioso da Ordem dos Eremitas de São Jerônimo, fundou em Roma o Mosteiro de Santo Onofre, onde faleceu aos cem anos de idade.

30. São Jerônimo, presbítero e Doutor da Igreja (†420 Belém - Palestina).

São Gregório, o Iluminador, Bispo (†c. 326). Apóstolo da Armênia, no fim da vida retirou-se a uma gruta junto ao Rio Eufrates, onde veio a falecer.



São Pio de Pietrelcina

Onde está Mateus?

Dois planos se distinguem no quadro: à direita, Jesus e Pedro chamam o publicano Mateus, sentado à esquerda, na coletoria de impostos. A luz do alto, símbolo da graça, incide sobre todos; quem seria na cena o futuro Apóstolo?



✠ Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP

Assim como as Sagradas Escrituras compreendem diversos níveis de interpretação, as grandes obras de arte também são passíveis de diferentes leituras. É o que se dá com *O chamado de São Mateus*, de Caravaggio.

Nesse quadro a óleo, distinguem-se dois planos: à direita, Jesus e Pedro chamam o publicano Mateus, sentado à esquerda, na coletoria de impostos. Para atualizar o episódio, o pintor italiano representou os personagens à moda do século XVI. Difícil, porém, seria transpor a cena para o equivalente hodierno. Talvez uma bolsa de valores apinhada de plutocratas?...

Conforme os Evangelhos (cf. Mt 9, 9; Mc 2, 14; Lc 5, 27-28), Jesus, ao passar à beira-mar, viu Mateus e disse-lhe: “Segue-Me”. Este então se levantou, deixou tudo e O seguiu. Ressalte-se que a expressão grega usada para esse levantar – *anástasis* – é a mesma empregada para o verbo *ressuscitar*. A conversão é, realmente, uma verdadeira ressurreição!

Excluído o personagem à esquerda, de pé, pois Mateus estava assentado junto ao posto de arrecadação, quem seria na cena o futuro Apóstolo?

A tradição tendeu a identificá-lo com o fidalgo de longa barba e dedo

em riste. Entretanto, diversa interpretação sugere que este estaria assinando não a si mesmo, mas o jovem de brucos na ponta da mesa. Outra visão se escora nos escritos do Cardeal Matthieu Cointerel, mecenas da obra em questão. Este havia solicitado ao artista que Mateus fosse representado no exato momento de se levantar. Sendo assim, o cobrador de impostos seria o último à direita... Entretanto, se de fato Caravaggio é o “mestre da ambiguidade”, Mateus não seria, quicá, o menininho do meio? E se todos fossem Mateus?...

Jesus, em meio ao típico claro-escuro caravaggiano, não aponta especificamente para ninguém, ao passo que a luz do alto, símbolo da graça, incide sobre todos.

Todavia, o homem cabisbaixo da extrema esquerda está tão ávido do vil metal que seus olhos sequer notam a presença da “Luz do mundo” (Jo 8, 12). Sua meia-idade denuncia, talvez, ser ele atacado pelo avassalador “demônio meridiano” (Sl 90, 6 Vulg.). Encurvado sob o peso da iniquidade, esse “filho pródigo” aparenta ter mãos mais suínas que humanas. Ora, o primeiro passo para a conversão é sair da bestialidade do pecado.

O homem de barba é também ganancioso: sua mão direita está aferrada às moedas, mas já é capaz de ele-

var os olhos e refletir sobre si mesmo. De fato, pela sombra de seu punho, percebe-se que o indicador está na realidade voltado para si, como que indagando: “Serei eu, Senhor?” Embora admirado, sua posição retraída revela possuir ainda certos liames com o passado.

O cândido menininho parece mimetizar o moço rico do Evangelho, que cumpria integralmente os Mandamentos e recebeu o idêntico chamado de Mateus: “Segue-Me” (Mt 19, 21). No entanto, o apego aos bens terrenos – e aqui o penacho é símbolo de frivolidade – o impediu de abandonar tudo e trilhar a via da perfeição. Por isso, fica ainda apoiado no “homem velho”.

O personagem da ponta direita representa as características do jovem adulto: arrojado, emotivo, conflituoso. É o único a portar espada, símbolo próprio à decisão, cujo étimo remonta à ideia de *cortar* – neste caso, com a vida pregressa. Embora trêmulo no tamborete, já está se levantando em direção à porta, para a qual se direcionam os pés de Jesus, como que instando: “Venha logo!”

Se o velho avaro de pincenê não pode ser Mateus, quem seria então? Note-se que ele está em atitude de sedução, como que sugerindo: “Conte bem o dinheirinho...” Fácil desvendar, portanto, que se trata de um de-

mônio, o exato oposto de Nosso Senhor na cena.

A presença de Pedro inspira-nos considerar que a conversão e a perseverança ocorrem através da Igreja, antes de tudo pelos Sacramentos, em especial pela Eucaristia. Dela é símbolo o grande banquete que Mateus ofereceu ao Senhor, verdadeiro “al-

tar” que reparava a mesa de coletoria. Com efeito, *conversão* significa *completo retorno* a Cristo, que constantemente bate à porta das almas. Com razão Huysmans diagnosticou: “A conversão do pecador não é a cura, mas apenas a sua convalescença”.¹

Em suma, se Mateus se encontra em todos, independentemente da ida-

de e do estágio na vida espiritual, ele também está sentado, no exato momento, lendo este artigo. E, mais uma vez, Jesus exorta: “Segue-Me”.

Então, qual será a tua resposta? ✧

¹ HUYSMANS, Joris-Karl. *En route*. 12.ed. Paris: Tresse & Stock, 1895, p.285.



Reprodução

“O chamado de São Mateus”, por Caravaggio - Igreja de São Luís dos Franceses, Roma; ao fundo, interior da mesma igreja

A Virgem e o Menino com os Anjos, por Bicci di Lorenzo - Galeria Nacional, Parma (Itália)

Reprodução

Zelo maternal que exige justiça

Muito mais que qualquer Anjo ou Santo, Nossa Senhora desejava a cada passo cumprir a vontade de Deus, para Se conformar plenamente a Ele.

Ela anelava que a bondade de seu Filho fosse acolhida no interior de incontáveis corações, aceitando padecer com Ele para conqui-

tar maior número de filhos. Mas, se a santidade de Deus assim o exigisse, seu zelo A levava a pedir que Ele exercesse a justiça, punindo os recalcitrantes: “Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes” (Lc 1, 52)!

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP